

MUDANÇA DE RUMO

Sinopse:

A comvente história de um homem que reavaliou e modificou sua existência a partir de uma excursão por regiões tenebrosas do além, em dramática e inesquecível EQM, a experiência de quase-morte.

O homem sempre poderia vencer suas más tendências mediante seus próprios esforços?

Sim, e às vezes com pouco esforço. O que lhe falta é a vontade.

Ah! Como são poucos os que se esforçam entre vós!

Questão 909, em O Livro dos Espíritos.

Sumário

Ponto de partida	13
Primeira parte • Nas sombras	17
Segunda-feira 05 de março	27
Terça-feira 06 de março	37
Quarta-feira 07 de março	49
Quinta-feira 08 de março	57
Sexta-feira 09 de março	63
Sábado 10 de março	73
Domingo 11 de março	79
Segunda parte •	
Buscando a luz	95
Segunda-feira 02 de abril	95
Terça-feira 03 de abril	125
Quarta-feira 04 de abril	141
Quinta-feira 05 de abril	163
Sexta-feira 06 de abril	169
Sábado 07 de abril	185

Domingo 08 de abril 195

Domingo 08 de abril 195

Ponto de Partida

Há situações para as quais temos uma orientação de fundo moral, preconizada pela religião, mas cuja observância é perturbada pelas ilusões que caracterizam o comportamento humano.

Limitados a uma visão nebulosa da realidade pelas janelas estreitas dos cinco sentidos, enfrentamos dificuldades para seguir por caminhos de retidão, ante os desvios sugeridos pelas exigências e tentações do mundo em que vivemos.

A Doutrina Espírita nos ajuda nesse propósito, ao descerrar a cortina que separa a Terra do Além, a evidenciar a continuidade da existência no mundo espiritual, a pátria verdadeira, onde, inelutavelmente, colheremos as consequências de nossas ações.

Não obstante, há a velha fragilidade humana, sob regência do egoísmo, de tal forma entranhado em nós, que, mesmo o espírita com largo conhecimento doutrinário, acaba "botando os pés pelas mãos", malbaratando as oportunidades de edificação da jornada terrestre.

Não é fácil "acordar" para as realidades espirituais, como sugere o apóstolo Paulo, na Epístola aos Efésios (5:14) em busca da iluminação que só o Cristo pode nos oferecer, a partir da vivência de suas lições.

Nestas páginas narro a experiência de um espírita que "acordou" de forma dramática, projetado que foi em regiões umbralinas numa EQM, a experiência de quase morte.

Os jornalistas concebem que uma imagem vale por mil palavras.

Por melhor que descrevamos uma cena, com riqueza de detalhes, jamais conseguiremos que o leitor a visualize na plenitude de singela fotografia.

Foi o que aconteceu com ele.

Até então tinha notícias sobre a vida espiritual na literatura espírita, mas pouco atento aos detalhes e distanciado da reflexão que internaliza o conhecimento e repercute no comportamento, favorecendo a edificação.

Agora era diferente.

Estava ali, com visão plena da paisagem para onde fora projetado, resultante de seus desvios.

A partir dessa experiência chocante dispôs-se a mudar radicalmente os rumos de sua existência, tendo por ponto de partida a retificação dos erros que cometera em uma única semana.

Esta é a sua história, leitor amigo.

Tenho certeza de que você se identificará com ele em alguns aspectos.

Ficarei feliz se isso o motivar ao esforço de renovação para o qual estamos na Terra.

Sem essa iniciativa estaremos sempre jogando pela janela da indiferença a maravilhosa oportunidade que Deus nos concedeu ao permitir nosso ingresso na abençoada escola da reencarnação.

Bom proveito!

Bauru, maio de 2008.

Primeira Parte Nas Sombras

Belizário imaginava viver um pesadelo.

Transitava por região de denso nevoeiro, lúgubre, vegetação rasteira, ouvindo gritos e clamores de gente agoniada.

Vozes impiedosas vociferavam contra ele.

— Hipócrita! Mau-caráter! Bandido! Explorador dos fracos! Mentiroso contumaz!

Em que abismo insondável fora segregado?

De onde vinham aquelas acusações?!

Que inimigos desconhecidos estavam unidos no propósito de atormentá-lo?!

Que era feito de sua família, Suzana, a esposa, Júnior, Maurício e Carmem, os filhos amados?

Tinha sede e fome.

Fugia sempre, cambaleante, inquieto, apavorado, a derramar lágrimas ardentes, sentindo-se ameaçado por forças tenebrosas.

Filho de pais espíritas, desde cedo fizera sua iniciação.

Frequentara os cursos para a infância e juventude; estava ligado a um Centro Espírita.

Conhecia o bê-á-bá da Espiritualidade, revelado pela Doutrina, o que lhe permitiu identificar sem delongas onde estagiava compulsoriamente.

Certamente era o umbral!

Sim, o umbral! O terrível purgatório do qual tomara conhecimento lendo Nosso Lar, a monumental obra do Espírito André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier.

Quando lhe ocorreu essa ideia, desesperou-se.

— MeuDeus! Morri!

Mais ardentes se tornaram suas lágrimas.

Não era possível! Tinha apenas cinquenta e cinco anos! Família a cuidar, a indústria, os negócios e compromissos!

Não! Deus não podia fazer isso com ele!

Orou como nunca o fizera, ajoelhado, mãos postas, implorando à Misericórdia Divina que tudo aquilo fosse apenas um pesadelo terrível!

Queria acordar, livrar-se daquela paisagem sinistra, superar os tormentos que assolavam sua alma, encontrar um lenitivo!

Que sortilégio o conduziu até ali?!

Sempre entendera que sua ligação com o Espiritismo seria um passaporte garantido para paragens mais amenas, em contato com benfeitores e o reencontro maravilhoso com amigos e familiares desencarnados.

Jamais imaginara que a morte lhe reservasse semelhante surpresa!

Nunca se dera ao trabalho de ponderar que muito será pedido a quem muito se ofereceu, segundo as sábias palavras de Jesus.

Embora inteligente e culto, nunca atentara à responsabilidade de ser espírita, nem percebera um ponto fundamental:

O conhecimento da verdade implica compromisso com ela!

A visão de realidade espiritual, proporcionada pela Doutrina Espírita, impõe retificações na conduta que jamais se dispusera a efetuar.

Ficara sempre em águas de superficialidade, sem realizar o mínimo esforço no sentido de ajustar-se aos valores do Evangelho, conforme sinalizam os princípios codificados por Allan Kardec.

Não saberia dizer por quanto tempo esteve assim, a chorar, suplicando ajuda à Misericórdia Divina.

Somente quando cessou o questionamento egoístico, favorecendo um toque de humildade; quando caiu em si, conforme a Parábola do Filho Pródigo (Lucas, 15:11-32), reconhecendo sua própria pequenez diante de Deus, modificou-se o panorama de suas amarguras.

Pelo véu espesso das lágrimas, viu surgir alguém.

— Então, meu caro Belizário, está gostando deste SPA da alma?

Nosso herói identificou de pronto o velho Ferreira, espírita sempre bem-humorado e dedicado às lides doutrinárias.

Desencarnara há alguns anos, após uma existência plena de realizações no campo do Bem.

Ergueu-se e o abraçou, a chorar copiosamente.

— Ah! Ferreira, meu caro Ferreira! Sua presença confirma minhas suspeitas de que retornei à Espiritualidade, mas, por favor, meu amigo, não brinque! Sinto-me nas profundezas de tenebroso inferno, sofrendo torturas intraduzíveis!

O socorrista, a sorrir, confirmou:

— Nada disso, meu caro. Aqui é, realmente, um SPA para queima de gorduras espirituais adquiridas nos excessos da romagem humana.

— Por que eu? Não fui má pessoa...

— Pois saiba que está exatamente no lugar compatível com suas necessidades espirituais.

— Não entendo...

— Nossas ações, nossa maneira de ser, nossas iniciativas, determinam o peso específico de nossa alma e a região para onde a morte nos transportará.

Sua densidade espiritual o remeteu para estas paragens inóspitas, onde estagiam os que não cultuaram a dignidade da vida, nem respeitaram os desígnios do Senhor.

— Mas, Ferreira, não fui um criminoso, um irresponsável! Você me conhece! Sempre procurei agir de acordo com minha consciência!

— Como ocorre com todos os homens desligados dos valores espirituais, você faz uma apreciação lisonjeira de si mesmo, mas a realidade é diferente. Faltou-lhe encarar com seriedade as responsabilidades da jornada humana.

Sua existência sempre foi orientada pelos interesses pessoais, sob a inspiração do egoísmo, mesmo no círculo familiar, onde somos convidados a mudar a conjugação do verbo de nossas ações, da primeira pessoa do singular — eu, para a primeira do plural — nós. Natural que agora se veja onde está, um purgatório compatível com o tipo de vida que levou.

Belizário lamuriava-se.

— Não posso concordar! Sempre cuidei bem dos meus.

Tinha muita gente sob minha responsabilidade em minha indústria. Nunca explorei os funcionários; jamais tive um título protestado, honrei os meus compromissos.

O amigo sorriu.

— Meu caro, as medidas da densidade espiritual são tão exatas quanto uma balança de alta precisão. O fato de você chumbar-se a estas paragens significa que o juízo que faz de si mesmo não é compatível com a realidade de suas ações, nem exprime uma vivência orientada pela ótica cristã.

— Então, minha vida foi uma farsa? Sempre me situei como um homem de bem!

Ferreira sorriu.

— Homem de bem, Belizário? O que significa essa expressão para você?

— Alguém que não se compromete com o vício, o crime, a desonestidade...

— É bem mais que isso, meu amigo. Lembra-se destas observações de Allan Kardec, na questão 918, de O Livro dos Espíritos?

Movimentando pequeno aparelho, Ferreira projetou numa tela o texto que Belizário lera tantas vezes:

O verdadeiro homem de bem é o que pratica a lei de justiça, amor e caridade na sua maior pureza.

Se interroga a própria consciência sobre os atos que praticou, perguntará se não violou essa lei, se não fez o mal, se fez todo o bem que podia, se ninguém tem motivos para se queixar dele, enfim, se fez aos outros tudo quanto queria que os outros lhe fizessem.

Imbuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar recompensa, e sacrifica seus interesses à justiça.

É bondoso, humanitário e benevolente para com todos, porque vê irmãos em todos os homens, sem distinção de raças, nem de crenças.

Se Deus lhe concedeu o poder e a riqueza, considera essas coisas como um depósito, de que deve usar para o bem. Delas não se envaidece, por saber que Deus, que lhe deu tudo isso, também o poderá retirar.

Se a ordem social colocou outros homens sob a sua dependência, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus. Usa da sua autoridade para lhes levantar o moral e não para esmagá-los com o seu orgulho.

É indulgente para com as fraquezas alheias, porque sabe que ele mesmo precisa da indulgência dos outros e se lembra destas palavras do Cristo: "Aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra."

Não é vingativo; a exemplo de Jesus perdoa as ofensas, para só se lembrar dos benefícios, pois sabe que será perdoado à medida que houver perdoado.

Respeita, enfim, em seus semelhantes, todos os direitos que as leis da Natureza lhes concedem, como gostaria que respeitassem os seus.

Desligado o aparelho, Ferreira perguntou:

— Então, ainda acha que foi um homem de bem?

Belizário pôs-se na defensiva.

— Posso não ter sido tudo isso, mas também não fui um homem do mal. Parece-me que não estive tão longe desse padrão de comportamento.

— Bem, meu caro amigo, com autorização de nossos mentores, vamos dar uma olhadela no seu passado de homem de bem.

— Há registros?

— Sim, na sua cabeça.

— Na minha memória?

— Exatamente. Faremos uma regressão sob indução hipnótica. Você reviverá algo de seu pretérito. Seria pesada demais uma lembrança plena dos comprometerimentos de toda sua existência. Vamos nos limitar à análise dos sete dias que antecederam sua transferência para estas paragens. Concorda?

— Uma semana apenas?

— Sim, será suficiente para uma avaliação existencial.

— Tudo bem. Confio em você.

Aplicando-lhe passes magnéticos, Ferreira induziu Belizário a transe profundo e, trabalhando seus centros mnemônicos, o induziu a recordar o passado próximo.

Como quem assiste a um filme projetado em velocidade vertiginosa, nosso herói reviveu, em breves instantes, as experiências e emoções da última semana.

SEGUNDA FEIRA, 05 DE MARÇO —

06:10HS

— acorde, meu bem! acorde!

Belizário abriu os olhos, sonolento.

— acorde, Belizário!

— Ahh...

— acorde!

Olhou para o despertador! Com uma ponta de irritação, questionou:

— O que houve? Por que me acordou?!

Ao lado, Suzana, a esposa, companheira dedicada de vinte e cinco anos de convivência feliz, tinha expressão sofrida anuviando-lhe o belo rosto de madona com meio século de existência.

— Desculpe, querido. Passei mal à noite e acordei com terrível enxaqueca.

— E daí?

— Gostaria que levasse o Júnior à escola...

A solicitação não agradou.

— Não vai dar.

— Por quê?

— Dormi tarde, ontem, lembra-se? Fiquei resolvendo problemas da indústria, via internet. Sinto-me exausto!

— Estou bem pior!

— Ora, meu bem, tome um analgésico. Vai passar...

Suzana magoava-se com reações daquele tipo, que evidenciavam a postura egoística do marido.

Machista de carteirinha, estava convencido de que sua obrigação primordial era ganhar dinheiro, muito dinheiro, para garantir a subsistência do grupo familiar.

Quanto aos encargos com a casa e os filhos, considerava-os atribuições exclusivas da car metade.

Suzana era um raro exemplar de vivência cristã.

Invariavelmente, evitava reagir de forma negativa ao machismo do companheiro.

Tudo fazia para favorecer a estabilidade do lar, partindo do velho princípio de que quando um não quer dois não brigam.

Assim, enfrentou a enxaqueca e levou Júnior, o caçula de dez anos, à escola.

Enquanto isso, Belizário desfrutava das benesses de uma hora a mais de sono, senhor absoluto de seus domínios.

08:15HS

Maria, eficiente serviçal doméstica, servia o café a Belizário, abstraído na leitura do jornal.

— Doutor posso lhe pedir um favor?

— O que é, Maria?

— Estou com o aviso de cobrança de água que vence hoje. Meu filho esqueceu-se de pagar. Daria para alguém do escritório providenciar? Estou com o dinheiro.

Sem erguer os olhos do jornal, Belizário respondeu:

— Negativo. É assunto pessoal, seu. Não posso envolver a empresa!

— Mas o contínuo não vai, diariamente, ao Banco?

— Nem sei se irá hoje. De qualquer forma não devemos misturar as coisas. Sinto muito! Imagine se todos os nossos funcionários resolvessem pedir o mesmo! Estaríamos em maus lençóis!

No universo egocêntrico de Belizário não havia lugar para qualquer mudança de rotina que envolvesse compromisso de sua parte.

Confundindo sempre um favor como concessão à indisciplina, era dessas pessoas que se recusam a emprestar dinheiro ou endossar um título em favor de um amigo, usando o argumento definitivo:

— Você precisa de minha ajuda porque está preocupado com as finanças. Talvez nem durma à noite, de tanta preocupação... Não é isso? Já parou para pensar que se eu o atendo quem não vai dormir à noite serei eu? Acha justo?

09:10 HS

Deixando o palacete no condomínio de luxo, Belizário dirigia o possante automóvel importado, rumo à sua indústria de componentes eletrônicos.

Trânsito lento nas ruas de São Paulo, cada vez mais congestionadas.

Num semáforo, sinal vermelho, um garoto postou-se à frente do veículo.

Graciosamente, fez singela exibição, demonstrando notável habilidade. Pequena bola em suas mãos desaparecia e reaparecia, sucessiva e misteriosamente.

Belizário admirou-se. O garoto levava jeito para a prestidigitação.

Aberto o sinal, acenou para o pequeno artista e partiu tranquilo, como se ignorasse que a breve e eficiente apresentação visava alguns trocados.

Justificava essa postura para si e para quem quisesse ouvir, afirmando:

— Molecada sem serviço e sem escola é semeadura de malandragem. Enquanto o governo não der um jeito nesses pivetes não haverá segurança...

Raciocínio embotado pelo egoísmo, não conseguia entender que aquele menino estava realizando um trabalho artístico, ainda que elementar, e que se optasse um dia pela criminalidade seria justamente em função de pessoas como ele, incapazes de um gesto de solidariedade.

Uma digressão, leitor amigo:

Há quem critique as casas de sopa, que distribuem alimentação à infância desvalida, na periferia, com a participação de dedicados voluntários.

Alegam que esse assistencialismo estimula a vadiagem e a indolência.

Obviamente não é o atendimento ideal, mas é de necessidade essencial, mesmo quando se procure fazer algo mais, no campo da educação, visando à decantada inclusão social.

Se o estômago está vazio, o cérebro, solidário com ele, recusa-se ao conhecimento.

Recordo Chico Xavier a afirmar que os carentes beneficiados por pessoas que exercitam a solidariedade, ainda que numa simples casa de sopa, são influenciados em sua formação moral. Funciona como uma vacina contra os impulsos de agressividade que poderão conduzi-los à violência mais tarde.

Gestos de bondade, quando nos dispomos a ajudar o próximo com carinho e desprendimento, representam abençoada semente em sua alma. Mais cedo ou mais tarde essas sementes germinarão, convocando-o aos valores do Bem.

Penas mais severas, ampliação de efetivos policiais, construção de presídios, podem conter, precariamente, a violência, mas só a bondade desarma os que possam dela cogitar.

O carro à frente tentava sair de uma garagem, sem encontrar espaço entre os que passavam, motoristas indiferentes à sua sinalização.

Belizário não era exceção.

Tinha pressa, sem tempo a perder com gentilezas no trânsito.

14:20 HS

Na empresa, a secretária o chamou pelo interfone:

— Doutor Belizário...

— Sim, Marisa.

— O Roberto, do setor de arquivo, está aqui. Deseja falar-lhe.

Belizário não gostou.

— Por que não procurou o Leônidas, encarregado daquele departamento?

— Diz ser assunto pessoal.

— Que espere. Há outros mais urgentes.

15:15 HS

Belizário usou o interfone.

— Dona Marisa, atenderei agora o Roberto.

O servidor entrou vacilante.

A expressão abatida e o cenho franzido davam notícia de que estava às voltas com sérios problemas.

Reticente e tímido explicou:

— Desculpe, doutor, vir incomodá-lo. E que recebi o aviso prévio e estou apavorado. Sei que tenho abusado das licenças-saúde, mas quero lhe pedir uma chance.

Demitido, o que vai ser de mim? Tenho família, quatro filhos!...

Belizário mal disfarçou a contrariedade.

— Meu jovem, infelizmente não posso fazer nada.

Costumo não interferir nos setores. Se seu chefe assim decidiu, há de ter seus motivos...

— Sim, certamente, se for observado o interesse da empresa. Mas apelo para sua generosidade. Não faço de propósito quando peço afastamento. O médico diagnosticou meu mal como síndrome do pânico. Não entendo do assunto. Só sei que é terrível! Tenho crises de pavor quando retorno ao serviço. Mas prometo que vou me esforçar. Tudo farei por merecer sua confiança!...

Belizário disfarçou seu desinteresse pela sorte do funcionário prestes a ser demitido:

— Está bem. Retome ao trabalho. Vou ver o que se pode fazer...

— Obrigado, doutor, o senhor não vai se arrepender...

Roberto saiu, animado.

Belizário ligou para o Leônidas.

— Que ideia foi essa de encaminhar seu subordinado para pedir minha intervenção? Você sabe que os problemas funcionais devem ser resolvidos pelos encarregados de serviço. Há ordens expressas nesse sentido!

— Ele insistiu muito! Estava em desespero! Não deu para evitar...

— O que me diz dele?

— É bom funcionário. O problema são as licenças-saúde... Segundo sua orientação, gente problemática não nos interessa. Já adverti Roberto várias vezes, sem resultado. Temos que aproveitar este mês, em que está relativamente bem. Se esperarmos, em breve entrará novamente de licença. Por isso optei pelo aviso prévio já.

— Não estou questionando sua decisão. Você deve saber o que faz. O problema é envolver-me. Não me remeta tais problemas novamente. A responsabilidade é sua.

— Tudo bem, chefe. Desculpe.

TERÇA FEIRA, 06 DE MARÇO — 10:24 HS

Embora todos os cuidados na seleção de clientes, sempre surgiam problemas com empresas que atrasavam o pagamento de seus débitos.

Antenor, chefe do setor de cobranças, funcionário dos mais antigos e experientes, acompanhara ao longo dos anos o crescimento da indústria e, também, a mudança na postura de Belizário.

Em princípio, flexível nos atrasos, disposto ao entendimento com os devedores.

Depois, à medida que a indústria cresceu, decresceu a tolerância.

— Inadimplência é vício de brasileiro, falta de disciplina. É preciso rigor.

O cartório de protestos era o destino das duplicatas vencidas, sem contemplação nem preocupação com clientes que já não interessavam porque tardavam em cumprir seus compromissos.

Com o mercado em expansão, não faziam falta. Havia novas empresas procurando seus produtos. A demanda era sempre maior do que a produção.

Ainda assim, contrariando as ordens vigentes, Antenor procurou Belizário para falar de um cliente, Joaquim Santos.

— A duplicata vence amanhã. Está pedindo prazo maior e parcelamento.

— Negativo! Se concordarmos vai acostumar-se.

Você conhece minha opinião. Em matéria de dívidas é preciso ser rigoroso.

— Trata-se de um bom cliente. Vem atravessando dificuldades. .. Alega problemas de saúde.

— É a conversa dos maus pagadores. Não podemos quebrar as regras. Não dá para fazer concessões desse tipo.

— Mas, chefe. Considere que ele sempre pagou com pontualidade. Vamos conceder-lhe pelo menos um mês...

Disposto a não perder tempo com o assunto, Belizário o encerrou, concedendo.

— Está bem. Trinta dias. E não me volte aqui se o pagamento não for efetuado. Vencido esse prazo, encaminhepara o cartório.

Nosso herói era um empresário vitorioso.

Inteligente, hábil, vira um pequeno negócio, montado há vinte anos, crescer de forma surpreendente.

Tinha sob suas ordens cento e sessenta funcionários, ocupando instalações imensas em distrito industrial.

Movimento intenso, faturamento alto, lucros crescentes, melhorando sempre!

Soubera aproveitar com grande eficiência o extraordinário desenvolvimento da informática no país, revelando acurado tino comercial e notável capacidade empreendedora.

Entretanto, como ocorre, geralmente, com as pessoas bem-sucedidas nas finanças, os ricos da Terra, perdera paulatinamente o contato com os valores espirituais, embora sua formação espírita.

Recordemos, leitor amigo, o Evangelho.

Jesus aparentava ter horror às riquezas e perene má vontade com os ricos.

Isso surge bem claro no encontro com o moço que desejava segui-lo, mas não pretendia desapegar-se de seus bens.

O Mestre concluiu (Mateus, 19:24):

... é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus.

Observe, leitor amigo, que destaquei em itálico a palavra "aparentava", porquanto horror e má vontade não fazem parte dos sentimentos de um Espírito puro e perfeito.

Jesus jamais pretendeu que os ricos estivessem condenados à perdição.

Semelhante destino situaria o Criador como um pai em dificuldade, incapaz de evitar irreparáveis comprometimentos do filho.

— Que sofra a danação eterna! — sentenciaria o Todo-Poderoso, como se fora incompetente chefe de família, que não soubesse como educar o filho rebelde.

Por outro lado, entendo que Jesus não estava situando a riqueza como instrumento fatal de perdição.

Se assim fosse, o dinheiro seria uma maldição.

Na verdade, se bem usado é uma bênção.

Com ele o terrorista adquire explosivos que produzem sofrimento e morte, mas também podemos comprar o pão que sacia a fome do carente e promover sua educação, o que lhe oferece melhores perspectivas de vida.

O problema da riqueza é o envolvimento.

Quando ocorre, o que é frequente, o dinheiro deixa de ser parte da vida para tornar-se o objetivo dela.

Pobre homem rico que não atenta a esse perigo!

Perde a posse de si mesmo!

Torna-se escravo do dinheiro!

Dominado por ele, não há espaço em sua mente para iniciativas mais nobres como o exercício da solidariedade, o sentir a necessidade, a carência, o problema do próximo.

O egoísmo comanda suas ações.

Aparentemente esse problema jamais deveria atingir o espírita conhecedor da Doutrina, consciente de seu significado e alcance.

Também não poderia acontecer com o cristão, ante os apelos de espiritualização consagrados pelas lições e exemplos de Jesus.

No entanto, a História é um repositório de defecções das lideranças religiosas empenhadas em guerras de Conquista, em nome do príncipe da paz; em acumular riqueza e poder, em nome daquele que não tinha onde reclinar a cabeça.

Quando os interesses imediatistas prevalecem, sob inspiração do velho egoísmo, os ideais mais nobres se perdem.

Belizário não era exceção.

Embora ardente defensor dos princípios espíritas, não percebeu que ao longo dos anos eles ficaram no campo restrito das ideias, substituídos na ação pelos interesses pecuniários, que sorrateiramente o envolveram, a ponto de encontrar justificativa na própria Doutrina para as injustiças que cometia.

Simplesmente perdera as perspectivas da jornada humana, à medida que o dinheiro passara a orientar suas iniciativas.

Mais cérebro que coração.

Mais o empresário-espírita, que coloca os interesses pessoais acima da Doutrina.

Menos o espírita-empresário, que faz a Doutrina repercutir em suas iniciativas.

Poderia fazer muito pelos outros.

Fazia cada vez mais por si mesmo.

20:05 HS

Belizário era ligado a um Centro Espírita, próximo ao condomínio luxuoso onde residia.

Eventualmente comparecia com Suzana às reuniões doutrinárias.

O tempo lhe parecia escasso para uma frequência mais assídua e uma participação mais ativa.

Não considerava o velho adágio:

Tempo é uma questão de preferência.

Sempre temos espaço na agenda para atender às nossas escolhas.

Ocorre que para ele essa preferência estava voltada para os negócios da Terra, sem chance para as virtudes do Céu.

Naquela noite, ao lado da esposa, ouvia os apelos de Marques, que detinha o espinhoso cargo de presidente da instituição.

Era fiel depositário dos princípios espíritas, sempre empenhado na edificação de uma sociedade justa e solidária, a partir da vivência dos ideais da Terceira Revelação.

Diante do numeroso público, falava enfático, com a vibração de seu entusiasmo:

— Meus amigos, nossa campanha pela construção da creche ainda não deslanchou. Estamos com tudo planejado, planta aprovada, mas o dinheiro anda escasso. Apelo à generosidade dos presentes.

O novo trabalho foi sugerido por nossos mentores espirituais.

O Espiritismo, bênção de Deus em nossas vidas, ensina que devemos aliar a teoria à prática.

Se a Doutrina nos ensina a solidariedade, sejamos solidários.

Atenderemos duzentas crianças.

Temos perto de duzentos participantes nesta reunião.

Se todos assumirmos o compromisso de ajudar uma criança, com os recursos necessários para tirar nossa creche do papel, não será difícil conseguir o que precisamos.

Junto a amigos, familiares, vizinhos, enfatizemos como é importante amparar famílias carentes...

Belizário o ouvia com o espírito crítico que o inspirava ultimamente, levando-o a questionar todas as iniciativas que representassem prejuízo para seu bolso.

"Pessoal folgado! Vem com novidades e nós temos que arcar com o investimento! Bem se vê que os diretores desta casa estão alheios aos compromissos e dificuldades dos frequentadores. Dinheiro não brota em árvore!".

Como todo egoísta de carteirinha, Belizário não conseguia internalizar o conhecimento espírita, de modo a transferi-lo do cérebro para o coração.

Do mero conhecer para o viver.

Revelava-se hábil em apresentar justificativas que o eximissem de participar de campanhas que demandassem seu esforço e seus recursos em favor do próximo.

À saída, o casal conversou com Marques.

Suzana elogiou o projeto:

— Fiquei feliz com a notícia sobre o início das obras da creche. Desde já quero ser voluntária na construção e depois no serviço ativo.

— Ótimo, Suzana, precisamos do concurso de ambos. Sua participação é indispensável para a concretização dos ideais de nosso grupo.

Belizário mostrou-se reticencioso:

— Boa iniciativa, Marques... mas não conte muito comigo. Tenho pesados compromissos...

Suzana rebateu, carinhosa:

— Ora, meu bem, sempre haverá algo que possamos fazer, principalmente na parte financeira.

Marques animou-se:

— Exatamente, Suzana! E nosso caro Belizário poderá nos ajudar nesse particular, até mobilizando pessoas de suas relações. Há muitos corações generosos por aí...

Belizário fez um gesto de enfado.

— Bem vejo que você não conhece os meios empresariais. Estamos todos sobrecarregados. Os impostos nos levam à falência! E é preciso investir sempre para enfrentar a concorrência. A diretoria deveria tomar cuidado em relação a esses empreendimentos, envolvendo os frequentadores da casa.

Paciente, Marques explicou:

— Não esqueça, meu amigo, de que o Centro é uma sociedade, formada por pessoas interessadas no estudo e prática da Doutrina Espírita. Isso implica nosso empenho em favor do próximo. Entendo que nossa participação e nossa contribuição pecuniária não constituem favores. São obrigações!

— Questão de ponto de vista, Marques, mesmo porque ajudar a pobreza é responsabilidade do Estado. Você sabia que todos trabalhamos cinco meses no ano somente para o pagamento de impostos? Muito mais que mobilizar a sociedade explorada, devemos pressionar nossos governantes!

— Sim, entendo, mas enquanto o Estado não chega não podemos deixar as pessoas à míngua, principalmente as crianças... Enquanto não vêm os bombeiros, nossos baldes de boa-vontade serão úteis para combater o incêndio da miséria.

Suzana, preocupada com o rumo da conversa, comentou:

— Fique tranquilo, Marques. Belizário e eu buscaremos fazer algo. Entendo que é, realmente, nosso dever. Temos muito a agradecer a Deus pelos benefícios que recebemos.

Ajudar o próximo é a melhor forma de demonstrar reconhecimento.

— Obrigado, Suzana. Conto com vocês!

No automóvel, de retorno ao lar, Belizário censurou a esposa:

— Você não devia ter assumido compromisso em meu nome. Sabe que não tenho tempo, nem disponibilidade financeira. Novos investimentos consumiram todas as nossas reservas.

— Ora, querido, você se esquece de que o melhor investimento é a caridade? Quem oferece aos pobres empresta a Deus!

Belizário calou-se, contrariado. Inútil discutir.

Mas providenciaria para que a esposa não cometesse exageros em relação à empreitada.

QUARTA FEIRA, 07 DE MARÇO — 20:12 HS

Na empresa, Belizário recebeu Dagoberto, um de seus assessores no novo setor em que vinha trabalhando com desenvoltura — a compra de imóveis.

Era uma época propícia para empresas em condições de investir.

Belizário, ao contrário do que alegara a Marques, tinha uma boa reserva financeira e entendia que seria interessante imobilizar uma parte em investimento sólido.

— Chefe, está aí o senhor Antônio Sinfrônio para tratar da venda de sua propriedade.

Negócios da China, aqueles em que há perspectivas de grande lucro, não têm horário para serem concretizados.

Era a opinião de Belizário, sempre pronto a sacrificar o descanso, o lazer, a própria família em favor da ampliação de seus já extensos bens.

Por isso ainda estava na fábrica à espera do vendedor, que viera de cidade distante, a fim de discutir em que termos seria efetuada a venda.

— Ele concordou com nossa proposta?

— Está difícil. Insiste que estamos oferecendo uma ninharia pela propriedade. Apenas um terço do que vale.

Belizário concordou, sorridente.

— Não deixa de ter razão. O que pretendemos pagar é uma pechincha. Temos chance?

— Creio que acabará por ceder. Tem, literalmente, a corda no pescoço. Suas finanças estão comprometidas. A venda do imóvel lhe é indispensável.

Belizário exultou.

— Ótimo! Mande-o entrar.

Na selva sombria das relações comerciais orientadas pelo mero interesse pecuniário, bom negócio é aquele em que o comprador esperto ganha muito, em detrimento do vendedor apertado financeiramente, que perde na mesma proporção.

Belizário não constituía exceção.

Em breves momentos entrava Antônio Sinfrônio.

Não estava satisfeito com a venda da pequena fazenda, não apenas pelo preço proposto, mas, sobretudo, porque nela passara toda sua infância e grande parte da idade adulta.

Guardava ternas lembranças dos tempos felizes em que ali vivera.

A venda do imóvel impunha-se para reequilibrar suas finanças, saldando pesados débitos.

Expressão séria, diante do adversário em desvantagem, Belizário mostrou-se inflexível.

— Creio que o senhor está supervalorizando seu imóvel.

Nossa proposta é a mesma. Pagamos à vista, mas não podemos oferecer um centavo a mais.

O pobre homem tentou argumentar:

— É apenas um terço do que vale! Tenho avaliações de vários corretores.

— E a lei da oferta e da procura, meu amigo. Se encontrar alguém que pague mais, não ficaremos ofendidos.

Belizário jogava com a necessidade do proprietário.

Era um lobo cercando a presa indefesa. Sabia que havia urgência na venda. Antônio ainda apelou:

— Não pode melhorar pelo menos um pouco? Ainda assim o senhor vai fazer um excelente negócio!

— Disponho apenas desse valor. E pegar ou largar.

O diálogo estendeu-se por algum tempo.

Antônio, quase suplicante.

Belizário, irredutível.

A necessidade obriga. Negócio fechado.

Um sinal foi pago, com o devido recibo. A escritura seria lavrada assim que a documentação estivesse em ordem. Belizário exultou. Grande aquisição!

Sem dúvida, para quem cuida dos negócios da Terra.

Péssima para os negócios do Céu. Muito correto, sob o ponto de vista humano. Comprometedor, espiritualmente falando.

22:18 HS

De retorno ao lar, Belizário beijou a esposa, expressão feliz estampada em largo sorriso.

— Desculpe o atraso, querida!

— E que atraso, meu bem! Estou esperando há horas para jantarmos.

— Está bem justificado. Realizei ótimo negócio. Uma compra fantástica! Adquiri uma bela fazenda por uma pechincha!

A esposa o contemplou tristonha.

— Curiosamente, acabo de ler um trecho do Evangelho, onde Jesus recomenda que procuremos os tesouros do Céu, não da Terra.

— Concordo que o façamos, mas não podemos viver sem os tesouros da Terra, que nos proporcionam segurança e bem-estar.

— Guardo minhas dúvidas. Temos mais do que o suficiente para viver. No entanto, vejo você cada vez mais empolgado com os negócios, passando a ideia de que está preparando um patrimônio para mil anos.

— Nunca é demais. Não sabemos o que o futuro nos reserva. E não se preocupe. Estou cuidando também dos tesouros do Céu. Enviei um cheque de duzentos reais ao Marques.

— Duzentos reais apenas?!

— Ora, Suzana, não acabei de lhe dizer que adquiri uma nova propriedade? Com isso fiquei sem grandes dispo-nibilidades financeiras. Além do mais, se aquelas duzentas pessoas que estiveram presentes na reunião de ontem oferecessem esse mesmo valor seriam quarenta mil reais, mais do que suficiente para iniciar a obra.

QUINTA FEIRA, 08 DE MARÇO — 16:11 HS

Linda jovem, de expressão abatida e preocupada, foi recebida por Belizário em seu gabinete.

— Então, Rita, o que houve? Que motivo sério foi esse que a trouxe até aqui?

Ela começou a chorar, incapaz de conter as lágrimas.

— Fale, menina. O que houve?

— Estou grávida!

Belizário experimentou um calafrio.

— Grávida?! Não é possível!

— Infelizmente, é verdade.

— Maurício já sabe?

— Falei com ele. Não quer assumir.

— Meu filho tem razão! Não passa de um menino. Mal completou dezenove anos!

— Olhe, senhor Belizário, não quero causar-lhe nenhum problema, mas o assunto deve ser resolvido.

— E como posso ter certeza de que meu filho é o pai?

— O senhor me ofende. Sabe que namoramos há um ano.

— Desculpe, foi involuntário.

— Se quiser, pode fazer o exame de DNA.

Belizário pensou rápido. Uma providência impunha-se diante das circunstâncias.

— Não será necessário. Há outra solução.

— O que está sugerindo?

— O aborto.

Belizário estremeceu, surpreendendo-se consigo mesmo. Aborto! Sabia, perfeitamente, à luz da Doutrina Espírita, tratar-se de crime inominável.

Mas, na fragilidade de seu comportamento moral, no embate entre o homem velho, disposto a ajustar as circunstâncias aos seus interesses, e o homem novo, consciente de suas responsabilidades, sempre triunfava o primeiro.

Era preciso levar em consideração as convenções sociais. Imperioso salvar as aparências! E também preservar o futuro do filho!...

Daria todo apoio à jovem.

Procuraria uma clínica clandestina confiável. Não haveria nenhum problema.

Ela relutava.

— Senhor Belizário, ainda que Maurício não queira ficar comigo, não tem importância. Aborto não! E contra minha religião.

Rita não possuía a intelectualidade de Belizário, seus conhecimentos, mas tinha o que lhe faltava — sentimento.

Algo, no mais íntimo de sua alma, dizia-lhe que não poderia alijar de dentro de si mesma o ser que começava a desenvolver-se.

Belizário usou uma argumentação que contrariava seus próprios princípios, neutralizados pelo egoísmo.

— Como espírita também sei que o aborto não é uma boa. Mas é admissível quando haja risco de vida para a futura mãe. De certa forma, há grandes riscos para você e o Maurício, não de vida mas de continuidade dela. Um filho agora vai comprometer os planos de ambos em relação aos estudos e à profissão.

Enfatizou:

— Além do mais, você terá outras oportunidades para ser mãe. Ambos têm uma existência pela frente. Dê um tempo!

A jovem recusava. Belizário insistia.

— Não há escolha. Se quiser meu apoio, deve concordar. Já pensou no desgosto que dará a seus pais? Eles não precisam nem saber...

Ainda que relutante, a considerar um crime o que Belizário pretendia, frágil em suas convicções, Rita acabou convencida por seus argumentos.

— Está bem. Concordo. Mas não sei como fazer.

— Fique tranquila, tomarei as devidas providências.

Aguarde alguns dias. Quando tudo estiver pronto eu a avisarei.

23:05 HS

Belizário esperou Maurício na saída da faculdade.

— Oi pai! Que milagre é esse? O que faz aqui, perdido por estas bandas?

— O milagre da paternidade. Estou sabendo que você vai ser pai.

O jovem não se surpreendeu.

— Infelizmente, aconteceu. Rita sempre me garantiu que estava se cuidando. Uma distração de sua parte e estamos com um problemão.

— Isso agora não importa. Estou providenciando o aborto.

— É a melhor solução. Não estou disposto a ter um filho tão cedo.

Belizário surpreendeu-se com a frieza do filho, dispensando, sem maiores considerações, uma "carne de sua carne", embora sabendo, à luz do Espiritismo, que se tratava de um crime.

Na verdade não fora uma reação diferente da sua.

— Tudo bem, filho, cuidaremos do assunto nos próximos dias.

SEXTA FEIRA, 09 DE MARÇO — 10:13 HS

Siqueira, o chefe do setor contábil, estava preocupado.

— Chefe, teremos que adotar algumas providências no fechamento do ano fiscal.

— Algum problema?

— Sim. O aumento patrimonial não está compatível com o resultado do exercício.

— É grande a diferença?

— Suficiente para uma bela multa.

— E qual a solução?

— Notas frias.

— Sabe onde conseguir?

— Sim, há um esquema.

— Custará quanto?

— Oito por cento do valor, mas é bem menor do que a multa que teríamos que pagar.

— Tudo bem. Pode providenciar.

Em princípio Belizário questionava-se quanto a essas práticas ilegais. Não seria mais razoável cumprir as leis?

Não obstante, sempre encerrava os reclamos da Consciência, considerando com seus botões:

"Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão!"

14:20 HS

Belizário entrou discretamente num edifício residencial. Bela mulher o recebeu à porta do apartamento. Longa cabeleira loura, corpo esbelto, rosto lindo... Ela o beijou sensualmente, abraço apertado.

— Estava morta de saudades! Há cinco dias não nos vemos!

Ele correspondeu ao carinho, explicando:

— Ah! Lucília! Eu também estava saudoso, mas o tempo tem sido escasso. Uma correria o dia todo!

— Se você gostasse realmente de mim viria ver-me com maior frequência!

— Você sabe que não é assim. Se dependesse de minha vontade, estaríamos juntos diariamente, mas há os compromissos inadiáveis.

— E a nossa viagem?

— Acontecerá logo. Dentro de dois meses haverá a feira industrial na Europa. Você irá comigo. Será como uma lua-de-mel. Quinze dias só para nós!

— Lua-de-mel é comemoração de casamento.

Ficaremos juntos depois?

— Calma, meu bem. Não posso deixar de repente a família. Gosto muito de minha mulher e filhos. Sei que será um trauma para eles! Dê um tempo!

Há seis meses Belizário estava envolvido naquele romance proibido.

Amava profundamente Suzana e os filhos, mas sentia-se um homem em plenitude de suas energias, justificando suas defecções como quem atende a uma necessidade imperiosa.

Considerava o exercício sexual um atributo de sua masculinidade. Suzana entrara na menopausa, já não se empolgava com os jogos do sexo, mais interessada em carinho e solicitude do que em arroubos de sensualidade.

Belizário, por sua vez, era incapaz de atender à sinalização da Natureza que, após meio século de existência, convida à redução da atividade sexual e à sublimação das energias genésicas, em favor do crescimento espiritual e de uma convivência mais tranquila e feliz na vida conjugal.

Na medida em que arrefecera a paixão no casamento, em que a esposa tornara-se mais irmã e menos amante, ele dera vazão às suas tendências, justificando-se perante si mesmo com a ideia de que cuidava muito bem da família, mas era homem.

Como acontece com todos os que não se respeitam, resvalando para os impulsos da animalidade, Belizário encontrava sempre motivos para justificar seus desvios.

Nutria por Lucília o amor-paixão, que pede satisfação do corpo, neutralizando pruridos da consciência, que insistia em lhe dizer que era um crime o que estava fazendo com a família, principalmente com Suzana.

Lucília, por sua vez, advogada bem-sucedida, divorciada, quarenta e cinco anos, situação financeira estável, boa família, estava seduzida pelo charme do amante, mas se sentia incomodada por ser simplesmente a outra, com toda a carga pejorativa dessa condição a perturbá-la.

Considerava a situação insustentável e cobrava de Belizário uma solução.

Com a frieza de quem se orienta pelo egoísmo, insistia para que ele se afastasse da família e realizasse seus anseios de união, sem importar-se com os sofrimentos que importaria à esposa e filhos do amante.

Que pedisse o divórcio se a amava de verdade.

Ignorava que Belizário não tinha nenhuma intenção de deixar a família.

Embora espírita convicto, resvalara para comprometedor amornamento da crença, que favorece uma convivência pacífica entre o vício e a virtude, o certo e o errado, o ideal e a ilusão.

Por isso, tal situação lhe parecia perfeitamente normal, respaldando-se no fato de que milhões de pessoas agiam assim, como se a unanimidade de um comportamento iníquo lhe emprestasse status de equidade.

Assim, equilibrava-se precariamente entre a matriz e a filial, afundando-se num oceano de mentiras.

22:02 HS

Belizário ia chegando em casa. Carmem, sua filha, foi encontrá-lo na garagem. Ao beijá-la, percebeu sua expressão preocupada, tensa, olhos inchados de quem estivera a chorar.

— O que houve, filha? Você não parece bem...

— Pai, sofri um acidente com o automóvel.

Belizário assustou-se, embora, aparentemente, ela não apresentasse escoriações.

— Tudo bem com você?

— Sim, mas estou muito abalada! Carmem começou a chorar, descontrolada.

— Calma, filha, calma! Foi um simples acidente. Vejo que você nem se machucou...

— Atrolei uma senhora!

Belizário estremeceu:

— Atropelou?! Mas como foi isso?

— Ela entrou na frente do carro. Creio que estava distraída. Não consegui desviar...

Belizário assustou-se. Atropelamento era problema sério.

— E como ela está?

— Não sei. Fugi.

— Que tolice, Carmem! Isso é omissão de socorro!

— Fiquei apavorada!

O farol do lado direito estava quebrado, pára-lama amassado.

Belizário experimentou um calafrio.

O estrago dava idéia da violência do impacto.

Talvez a senhora estivesse morta.

— Papai, esse amassado não foi do atropelamento. É que perdi a direção e bati num poste.

— Alguém viu?

— Tinha gente por ali.

— Será que anotaram a chapa do carro?

— Acho que não. Foi tudo muito rápido. E a iluminação é precária, rua escura...

— Não use o carro hoje. Vou providenciar uma oficina de confiança que não dê com a língua nos dentes.

Agora é silenciar para não complicar.

— E a mulher atropelada? Não seria bom procurarmos saber o que houve com ela?

— Isso equivaleria a assumir a culpa. Omissão de socorro é falta grave...

— Se o senhor acha melhor assim...

— Você disse que a batida não foi forte.

Provavelmente não lhe aconteceu nada de grave.

Fique tranquila. E não diga nada à sua mãe. Fica entre nós.

Belizário incorporara em plenitude o jeitinho brasileiro.

Não obstante a sua índole fraterna e boa, o povo brasileiro é profundamente imaturo em relação às suas responsabilidades, sempre pronto a burlar os regulamentos e infringir a lei com o objetivo de resolver problemas ou tirar vantagem em alguma situação.

Nesse contexto a mentira está sempre presente. Mas antes de ser característica de um povo ou de uma raça, exprime uma condição do Espírito humano, no estágio em que nos encontramos, tanto que o profeta Isaías proclamava taxativamente: Todo homem é mentiroso.

Referia-se ao gênero humano, gentil leitora.

SÁBADO, 10 DE MARÇO — 09:00 HS

Ao café da manhã, Suzana conversava com o marido.

— Então, Belizário, tudo bem para a visita da tarde à favela?

— Sinto muito, querida, mas não vai dar. Assumi um compromisso com um cliente. Ele só pode receber-me hoje e é urgente! Prometo que no próximo sábado irei.

Falou de olhos baixos, incapaz de olhar a esposa nos olhos, porquanto estava mentindo. Pretendia passar algumas horas com Lucília.

Suzana contemplou com tristeza o marido.

— Meu bem, não podemos misturar as coisas. Há a semana toda para resolver seus negócios. Imperioso encontrar um tempo para ajudar nossos irmãos carentes. Você sabe disso. É o que aprendemos com o Espiritismo.

— Concordo, mas você sabe que, conforme ensina o famoso provérbio, a caridade começa em casa.

— E daí?

— Daí que cuidar bem dos negócios é o melhor recurso para prover as necessidades do lar. Não posso dizer ao cliente que estarei ocupado, atendendo favelados.

— Por que não o convida a participar? Conversariam depois.

— Você está brincando! Não tem cabimento!

— Não penso assim. Talvez ele até o apreciasse mais, sabendo que se preocupa com o próximo.

— Ora, Suzana, não precisamos fazer propaganda do bem que praticamos. Você sabe disso.

— E muito menos do bem que não praticamos, como é o seu caso...

— Vamos transferir o assunto para outra hora...

Deixe-me ler o jornal...

Quando se casaram, Suzana não era espírita.

Um dos aspectos da personalidade de Belizário que a encantaram, além de sua inteligência e sensibilidade, era a sua vocação para os serviços comunitários.

Participava ativamente das iniciativas de assistência e promoção social na favela, empolgado de sagrado idealismo.

Em princípio, mais por amor ao namorado do que ardor pelo serviço, Suzana o acompanhava, admirando seu espírito solidário, sua preocupação em socorrer mães pobres, crianças desvalidas...

Em longas conversas e boas leituras recomendadas por ele, efetuara a transição da religião de seus pais, onde se limitava a frequentar reuniões do culto, para a adesão plena aos princípios espíritas, que atendiam aos seus anseios de esclarecimento em relação aos objetivos da existência humana.

Paradoxalmente, à medida que se passavam os anos, consolidando sua participação como voluntária nas atividades da casa espírita, o entusiasmo dele arrefecia.

Justamente Belizário, que fora seu mentor e iniciador, perdera a disposição, não por desencanto com os princípios, mas, simplesmente, porque agora estava envolvido com os negócios!

18:05 HS

Nos braços de Lucília, Belizário atendeu ao celular. O nome identificava a chamada. Era Suzana.

— Oi, meu bem.

— Você esqueceu que hoje é dia de nossa reunião em família para estudo do Evangelho?

— Não, não esqueci. Ocorre que somente agora deixei o cliente e estou indo para a fábrica.

— Já não é hora de encerrar o expediente, querido?

Nenhum empresário trabalha em pleno sábado, principalmente depois das cinco!

— Por isso muitos vão mal das pernas. Sem dedicação a empresa não anda.

— Combinamos que nada impediria nossa participação na reunião...

— Sim, mas desta feita não vai dar... Sinto muito.

Tenho que examinar determinados documentos, relacionados com o negócio que vamos fechar. É muito importante.

— O problema é que na semana passada aconteceu algo semelhante...

— Que posso fazer querida? É preciso cuidar dos negócios, o pão nosso de cada dia.

— E o pão do Espírito, como fica?

— Desculpe. Prometo que na próxima semana faremos a reunião.

Belizário argumentava com a desenvoltura dos que se habituaram aos desvios de comportamento, furtando-se às suas responsabilidades.

Não guardava a mínima preocupação com seus com-prometimentos espirituais, nem com o fato de que, fatalmente, cedo ou tarde, terminariam por impor-lhe amargas retificações.

Esse o terrível agravante.

Ele sabia!

DOMINGO, 11 DE MARÇO — 10:22 HS

No clube, Belizário participava de um torneio de futebol, sua paixão.

Embora cinquentão, o fôlego lhe garantia regular desempenho em partidas de quarenta minutos, no campo de dimensões reduzidas.

Já não se movimentava muito, mas tinha boa noção de jogo e situava-se bem na defesa.

Disputavam solteiros contra casados.

Não obstante o vigor físico avantajado, os solteiros não estavam levando a melhor diante dos adversários, experientes peladeiros.

O jogo aproximava-se do fim, empatado.

Um adversário pegou a bola perto da grande área e partiu em direção ao gol, ficando frente a frente com o goleiro.

Belizário veio por trás, estirou-se num carrinho e roubou-lhe a bola.

Benício, o juiz, considerou a entrada faltosa e apitou o pênalti.

Belizário irritou-se.

Dedo em riste, aproximou-se dele.

— Seu cretino! Não viu que foi lance limpo? Não cometi falta.

Benício fez valer sua autoridade e determinou sua expulsão por desacato. Estava fora.

Ele sentiu o sangue ferver em suas veias. Partiu em direção ao juiz, disposto a agredi-lo.

Os companheiros de equipe o seguraram.

— Calma, Belizário! Contenha-se! É apenas uma partida de futebol... Estamos aqui para nos divertirmos, não para nos agredirmos!

Tentativa inútil.

Ele se debatia. Gritava a plenos pulmões, homenageando a senhora mãe do juiz, a atribuir-lhe aquela profissão pouco recomendável.

No auge da irritação, em descontrole total, sentiu uma pontada no peito, dor insuportável, estendendo-se pelo braço. A vista escureceu.

Desmaiou.

A ambulância veio logo.

Belizário foi imediatamente conduzido ao hospital, vítima inconsequente de si mesmo, da falta de cuidado com o corpo e de disciplina das emoções, problemas que vitimam milhões de pessoas fora de sintonia com a Vida.

16:03 HS

Belizário acordou no hospital, em plena Unidade de Terapia Intensiva.

Ao lado, Suzana e um médico. Este lhe explicou:

— Foi um princípio de enfarto. Mas tudo está bem. A medicação foi aplicada. Precisa agora de descanso.

Amanhã o transferiremos para o quarto.

— Não posso ir direto para minha casa?

— Não é prudente. Talvez possa receber alta em alguns dias. Dependerá de exames que estão sendo providenciados e de sua reação.

Belizário não gostou daquela perspectiva. Não pretendia permanecer inativo.

— Não será preciso tanto tempo, doutor! Estou me sentindo bem. Descansarei em meu lar...

Suzana sorriu.

Era bem típico dele, inquieto, sempre disposto a contrariar a orientação médica.

— Vamos cumprir o que o doutor recomenda. Ele sabe o que faz. Aliás, você não estaria aqui se tomasse mais cuidado com a saúde.

O médico reforçou.

— Não vamos abusar! Seu caso inspira cuidados!

Belizário irritava-se com as limitações que lhe eram impostas.

Não obstante, melhor concordar. Depois tomaria suas próprias providências...

— Está bem, seja feita a sua vontade.

Suzana sorriu.

Conhecia bem o marido e sabia que não seria fácil segurar a fera.

22:18 HS

Suzana veio para um contato ligeiro na UTI. Para sua surpresa, Belizário pediu-lhe que deixasse o celular.

— Calma, querido. Você está com problema cardíaco.

Esqueça os negócios! É preciso relaxar...

— Não vou usar hoje. Mas amanhã cedo estarei melhor. O bom andamento do serviço depende de mim. Mesmo à distância, posso fazer alguma coisa.

Habituar-se à ideia de que a indústria não funcionava sem ele.

Suzana insistia quanto à necessidade de repouso, mas ele não se conformava. Era como se ignorasse a gravidade de sua condição.

Súbito, a dor retornou, violenta.

Belizário gritou, desesperado!

Foi dado o alarme. Em poucos momentos médicos e enfermeiros cercavam o leito.

O coração começou a fibrilar, ameaçando a fatal parada cardíaca.

Recursos variados foram usados: adrenalina, massagem, oxigenação tubária...

Paralelamente, foi usado o desfibrilador, aparelho eletrônico muito simples que salva milhões de pacientes, mediante a aplicação de choques elétricos adequados que estimulam o músculo cardíaco.

Mas o coração não reagia, batimentos descontrolados, a reduzirem-se dramaticamente.

Em breves movimentos ficou-se inerte, convocando a morte.

Foi aplicada a respiração artificial, garantindo, precariamente, suprimento de oxigênio para o cérebro, enquanto continuavam as tentativas de reanimação.

Estavam perdendo o paciente...

Retornando do transe induzido por Ferreira, Belizário apavorou-se ao relembrar, ante o tribunal da consciência desperta, as experiências dos últimos dias.

Se o mal não se instalou em plenitude no coração humano; se há valores referenciais nascidos de uma iniciação religiosa, situações dessa natureza equivalem aos tormentos morais de tenebroso inferno.

Belizário chorava, desolado.

— Meu Deus! Que cegueira a minha! Quantas iniquidades cometi! Como foi possível que em tão pequeno espaço de tempo eu tenha errado tanto!

Ferreira sorriu.

— Sim, numa semana apenas! Sete dias! Imagine as burradas em que se comprometeu nesses perto de vinte mil dias vestido de carne!

Mas, não se amofine. Você não é único. Raros passam incólumes pela Terra, construindo apenas o Bem. Geralmente, em face de nossa imaturidade, cometemos mais erros do que acertos.

Grande parte das finalidades da reencarnação relaciona-se com a necessidade de reparar faltas pretéritas, de corrigir desvios lamentáveis.

Infelizmente, no atual estágio de evolução, voltamos à Terra mais para consertar do que para edificar.

Belizário concordou, desolado.

— Entendo agora por que vim parar aqui...

Ferreira completou:

— As virtudes humanas são precárias. No fundo prevalece o velho egoísmo. Estamos sempre dispostos a ajustar as circunstâncias aos nossos desejos.

— Tem razão! Reconheço que os interesses pessoais relacionados com o imediatismo terrestre constituíram o motor de minhas iniciativas. Fui um louco, jogando fora as oportunidades que me foram concedidas.

— Você não é uma exceção. Raros escapam ao SPA umbralino, onde lhes é dado contemplar a extensão de seus enganos.

Belizário sentia-se arrasado.

— Você foi generoso, meu amigo, descortinando um horizonte tão reduzido, induzindo-me a reviver tão curto espaço de tempo. Creio que se tivesse uma visão mais ampla não suportaria. Acabaria insano.

— É o que acontece com muitos desencarnados que caem na demência ante o peso terrível de seus comprometimentos morais. Estagiam por prazo indeterminado no SPA da alma, em tormentos sem similar na Terra.

Belizário derramava-se em lágrimas incontidas, na contemplação aterradora de sua miséria espiritual.

Como pudera comprometer-se tanto, sem prestar atenção, sem identificar a própria inconsequência?!

Não era nenhum analfabeto!

Chorou muito, ainda mais por sentir que seu arrependimento era tardio.

A sementeira fora feita livremente, com total descaso pelos espinhos que atirara no solo do destino.

Imperioso agora que efetuasse a colheita obrigatória de amarguras.

— Ah! Meu caro Ferreira, quem me dera ter, enquanto encarnado, a visão objetiva que você me proporcionou, relacionada com minhas defecções!

— O pior é que você teve essa visão, Belizário.

— Não entendo...

— O que pensa que o Espiritismo veio fazer na Terra, senão abrir a cortina que separa o mundo espiritual do mundo físico e a inter-relação que há entre um e outro?

Foi o conhecimento espírita que lhe proporcionou a possibilidade de identificar prontamente sua condição de desencarnado.

Sei que você chegou a participar de reuniões mediúnicas. Observou os tormentos de Espíritos despreparados para a grande transição.

Infelizmente, como acontece com muitos espíritas distraídos, nunca imaginou que estava contemplando naqueles infelizes o seu próprio futuro.

— É verdade! Eram espelhos perfeitos, definindo minha condição. Fui cego àquelas evidências. Deixei que preva-lecessem minhas paixões e ambições, esquecido delibe-radamente dos objetivos da jornada terrestre.

— Esse é o grande problema da Humanidade, meu amigo. Qual aconteceu com você mesmo, os homens têm na atividade religiosa um conforto para as horas difíceis ou mero exercício de prática exterior, sem considerar que a religião está no Mundo para renovação da Humanidade.

Belizário chorava sempre.

— E agora? O que vai ser de mim. Não estava preparado para morrer! Como encarar o futuro por aqui, se cometi tantas iniquidades por lá?

Ferreira sorriu.

— Regozije-se, meu amigo. Você vai receber outra chance.

— Reencarnarei tão cedo?

— Não. Você continuará encarnado. Prosseguirá na jornada humana com plena consciência desta experiência de quase morte, hoje tão comum nos hospitais. Assim como outros, você terá o benefício do ressuscitamento.

— Pelo que sei, nem todos lembram o que acontece nesse lapso de tempo em que estiveram mortos. E quanto a mim? Lembrarei de tudo?!

— Sim, providenciaremos para que conserve recordação plena desta experiência no SPA umbralino! Não obstante, tenha o máximo cuidado!

Você agora tem responsabilidade dobrada. Está perfeitamente esclarecido do que o espera se não mudar o rumo de sua existência.

Belizário tinha uma dúvida.

— Pelo que sei ninguém pode permanecer com o coração parado mais de quatro minutos. Passei um bom tempo nesta experiência fora do corpo. Como será possível ressuscitar? O corpo não foi enterrado?

— É a impressão que ficou. Na verdade você teve no umbral uma experiência de minutos que lhe pareceram uma eternidade. O mesmo ocorreu com as reminiscências da última semana. Além do mais, foi atendido prontamente. Os médicos mantiveram a oxigenação dos pulmões e a circulação sanguínea, mesmo com o coração estacionário.

— Não terei sequelas?

— Fique tranquilo. Você retornará na plenitude de suas faculdades intelectuais.

Belizário, dominado por funda emoção, sempre a chorar, abraçou Ferreira.

— Conto com você, meu amigo. Não me deixe sem sua inspiração. Ajude-me para que eu não tenha que retomar a estas paragens, esse tenebroso SPA da alma, como diz.

— Você será ajudado. Como aprendeu com o Espiritismo, ninguém transita pelos caminhos humanos sem o amparo da espiritualidade. A ideia dos anjos protetores é uma realidade que transcende a mitologia.

Mas tudo vai depender de sua iniciativa.

— Seguirei sua orientação...

— Muito bem. Comece por corrigir os deslizes cometidos nesta última semana. Será o seu ponto de partida. E não se esqueça da oração, o seu elo conosco. Nela você encontrará a inspiração para modificar os rumos de sua existência e fazer o que deve ser feito.

22:30 HS

A situação estava ficando fora de controle.

Perto de trinta minutos haviam decorrido desde a parada cardíaca.

Embora a circulação sanguínea estivesse sendo sustentada artificialmente, tal situação não poderia prolongar-se. O cérebro acabaria afetado.

Para alívio de todos, eis que o músculo cardíaco acordou.

Fraco em princípio, depois melhor; finalmente compassado e vigoroso.

Em breves momentos voltava à normalidade.

O pior passara.

Sedado, Belizário permaneceu dormindo...

O médico acalmou a família e os amigos.

— Felizmente o coração reagiu. Está tudo bem. Horas mais tarde, Belizário acordou. Suzana estava a seu lado, a sorrir-lhe.

— Que susto, meu bem!

— Ah! Suzana, não foi maior que o meu.

Belizário guardava bem nítida na memória a terrível experiência em regiões umbralinas, o contato com o Ferreira, as reminiscências da última semana...

Agora o compromisso de dar uma guinada na sua existência.

Não se tratava de mera idéia inspirada em conceitos doutrinários sobre o Além.

Estivera lá! Contemplara a realidade!

Sentia ainda as emoções relacionadas à paisagem desolada, os gritos, os lamentos em redor, o desespero que tanto o atormentara.

Tinha consciência plena de que era preciso mudar, buscar novos rumos, modificar sua maneira de viver.

E orava, sensibilizado:

— Ah! Meu Deus! Ajuda-me, Senhor, a não malbaratar a oportunidade que me foi concedida. Que eu consiga corrigir meus erros, consertar os estragos que tenho feito em minha biografia espiritual!

Sua oração era secundada por Ferreira e outros amigos espirituais, além de familiares desencarnados.

Pediam ao Céu a sustentação indispensável para que Belizário operasse a grande guinada existencial, dispondo-se a retificar sua rota nos caminhos da Vida.

Segunda Parte Buscando a Luz

SEGUNDA FEIRA, 02 DE ABRIL — 06:10 HS

Três semanas após a experiência de quase morte vivida pelo marido, o despertador, impertinente, avisou Suzana de que estava na hora de levantar-se para encarar a labuta diária.

Belizário antecipou-se.

— Durma mais um pouco, meu bem. Levarei o Júnior à escola.

— Mas, querido, você ainda está em convalescença.

Descanse mais um pouco.

— Você é quem vai descansar. Já cuidou bastante de mim, com desvelos maternos. Estou em forma, pronto para a luta. Reinício hoje as atividades, com calma, como sugere o bom senso, do qual eu andava meio desligado.

— Fico preocupada com você...

— Esteja tranquila.

Beijou-a, carinhoso, acentuando:

— Fico feliz por lhe proporcionar mais uma horinha de sono, considerando as muitas a que renunciou para cuidar deste seu descuidado marido, qual abençoado anjo protetor.

Suzana sorriu.

Jamais o marido lhe dera semelhante atenção.

Brincou:

— Está certo de que o problema cardíaco não afetou seu bestunto, querido?

— Afetou, sim, para melhor, repercutindo em meu coração. Tenho sido um mau companheiro, mas isso vai mudar, eu lhe prometo...

— Não exagere! Não quero outro, de jeito nenhum!

Você é o marido que pedi a Deus!

— Vejo que está ansiosa por resgatar seus compromissos cármicos...

— Negativo! Você jamais será um carma para mim. É meu bem, meu amigo, meu amor!

Belizário, de costas para a esposa, enxugou discretamente as lágrimas que a floravam, incontidas.

A insólita experiência da morte por alguns minutos resgatara a sensibilidade sequestrada pelo homem velho que o anestesiara, acenando-lhe com o sucesso e a fortuna.

Contendo a emoção, abraçou carinhosamente a esposa, explicando:

— Tenho sido negligente com você, com os meninos e muitas coisas mais. Mas prometi a mim mesmo que serádiferente a partir de agora. Quero ser outro homem, aquele homem novo a que se refere o apóstolo Paulo, inspirado noidealismo cristão.

Suzana fixou o marido, interrogação expressa em súbita preocupação:

— O exame que fiz na semana passada... Você disse que está tudo bem, mas não me mostrou o resultado.

Tem certeza de que não existe nada de errado? Está querendo me preservar, em face de algum mal?

Belizário sorriu, enternecido.

— Nada disso! Fique tranquila. O resultado ficou no escritório. Trago hoje à noite. Você está ótima, e vai ficar cada vez melhor, no que depender de mim.

Aconchegada ao marido, Suzana sorriu, perguntando:

— Vai se transformar no melhor marido do mundo?

— Talvez não, mas vou fazer força. Vi a morte de perto, e não gostei do que vi. Espero estar em melhores condições quando ela resolver levar-me.

06:30 HS

Belizário acordou Júnior.

— Vamos levantar, meu chapa. Está na hora. O filho estranhou a presença do pai.

— Ué, onde está a mamãe?

— Vamos dar folga para ela hoje. Eu o levarei à escola.

— Oba! Então vamos no carrão!

— Você prefere?

— Claro!

Minutos depois, Belizário servia o desjejum para o filho.

Questionava-se como pudera, durante tanto tempo, deixar os cuidados dos filhos por conta exclusivamente de Suzana, perdendo o contato com eles.

06:55 HS

No automóvel, Belizário observou o entusiasmo de Júnior com o "carrão".

— Então, filho, hoje você vai arrasar?

— Claro, papai, e quero que você pare bem na entrada da escola para meus colegas verem.

— Qual a vantagem?

— Vou sentir-me importante.

— O que é ser importante, Júnior?

— É despertar atenção.

— Então bandido é importante?

— Por quê?

— Desperta a atenção.

— Bandido não. Bandido é bandido.

— Concordo com você. E lixeiro, é importante?

— A mesma coisa. Lixeiro é lixeiro.

— Vamos imaginar que os lixeiros entrassem em greve. O que aconteceria?

— Teríamos montanhas de lixo acumulado nas ruas.

— Exatamente. A cidade pararia.

— O que o senhor quer dizer com isso?

— Quero dizer que para avaliar a importância de alguém temos que considerar o que ele representa para a sociedade.

Um lixeiro é muito mais importante do que um menino que desce de um carrão à porta da escola.

Não acha?

Júnior ficou admirado.

— Poxa, papai, nunca pensei nisso!

— Nosso mal é esse, filho. Não pensamos nas coisas.

Doravante, quando passar por um lixeiro em seu trabalho, peça a Deus que o abençoe e guarde. Ele pertence ao importante grupo das pessoas indispensáveis ao bem-estar de qualquer cidade.

Certo?

— Certo.

— Ainda quer descer bem à porta da escola?

— Você é danado, hein, pai? Tá bom! Pode parar onde for mais fácil.

De retorno ao lar, Belizário tomava o desjejum com a esposa, contando-lhe a conversa com o filho. Suzana comentou:

— Infelizmente a criançada deixa-se influenciar pelo ambiente. Disputam quem tem o carro mais caro, a casa mais luxuosa, o pai mais rico. As vezes imagino que nossos filhos estariam bem melhor numa escola de classe média, livres desses condicionamentos.

— Ocorre, minha querida, que não dá para mudar agora. O que devemos é procurar neutralizar essas influências na base do diálogo e do exemplo.

— Fico feliz de ouvi-lo dizendo isso. Sua presença maior na vida familiar vai ser ótima. Eu não saberia argumentar com o Júnior como você fez. A imagem do lixeiro é sugestiva. Eu mesma não tinha pensado nisso. Podemos até dizer que o lixeiro é tão importante quanto um juiz.

— Sem dúvida! O juiz promove a justiça. O lixeiro garante a limpeza. Ambos são indispensáveis.

08:15 HS

Após beijar a esposa, já de saída, Belizário disse-lhe:

— Suzana, sei que a Maria tem problemas com o pagamento de suas contas de água e luz. Diga-lhe que as deixe sempre comigo. Faço questão de fazer isso por ela, sem ressarcimento. Será uma bonificação, um gesto de gratidão pelos excelentes serviços que ela nos presta.

E ante o olhar espantado da cara-metade, entrou no automóvel e partiu.

08:50 HS

No semáforo, Belizário procurou pelo improvisado malabarista.

Um garoto colocou um saquinho de goma de mascar no espelho retrovisor, oferecendo-lhe a guloseima.

Passou rápido, buscando outros automóveis.

Belizário o chamou.

Deu-lhe alguns trocados pela goma e perguntou:

— Seu companheiro, o das bolas, não veio hoje?

— Não, senhor... Está doente.

— Doente?

— Muita febre...

— Sabe onde mora?

— Vivemos na mesma favela.

— É longe?

— Uns trinta minutos.

— Como é seu nome?

— Sebastião.

— Entre no carro, Tião. Vamos até lá.

O garoto ficou pasmo. Não estava habituado a motoristas atenciosos. Um deles conversar com ele já era um prodígio...

— Entre, meu filho. Vamos ver o que podemos fazer.

Ele recolheu os saquinhos de goma e entrou.

Estava tenso. Olhava de soslaio para aquele homem bem vestido, que colocava um maltrapilho em seu carro luxuoso. Alguma coisa não estava lhe cheirando bem.

— Fique tranquilo. Só quero que me leve até lá.

Depois o trarei de volta e comprarei todos os seus saquinhos de goma de mascar. Certo?

O garoto animou-se.

— Legal, tio!

Por duas vezes Belizário segurou o trânsito em favor de motoristas que buscavam espaço para sair de uma garagem.

O cérebro pretendia agitá-lo com a informação de que estava perdendo tempo, mas o coração não permitia, oferecendo-lhe ganhos de inefável bem-estar.

A favela, realmente, não era longe, uma incrustação lamentável na vida urbana, amontoado de barracos, enfeando a paisagem.

Belizário estacionou o carro na entrada e seguiu o garoto pelas vielas tortuosas e sujas, indo bater num ca-sebre que se equilibrava em corroídas tábuas.

Entraram.

O menino malabarista estava num leito improvisado, colchão estendido no chão.

A mãe, com um filho pequeno no colo, cuidava de cozinhar o feijão na panela solitária. Certamente, o único ingrediente para a refeição.

Belizário ficou chocado com aquela miséria ex-tremada.

Nas raras vezes em que participara com a esposa de serviços assistenciais, visitara bairros pobres, mas em situação bem menos precária...

— Bom dia!

A mulher o olhou, surpresa.

— Bom dia...

— E como está nosso malabarista?

— O senhor é médico?

— Sou apenas um admirador de seu filho. É um artista!

— Realmente, Pedrinho adora números de circo. Hoje não conseguiu nem levantar. Desde ontem a febre o vem maltratando. Está muito quente!

— Tomou alguma medicação?

— Sim, uma vizinha trouxe um chá, mas não houve melhora.

Belizário tocou no menino. Cabeça pelando!

— Então, Pedrinho, como vai?

— Quem é o senhor?

— Não importa meu chapa. Sou apenas alguém que gosta de vê-lo fazer malabarismo com as bolas.

O menino sorriu, debilmente.

— Adoro fazer isso. Tenho outros números que mostraria ao senhor, se não estivesse tão fraco.

Belizário voltou-se para a mãe.

— Como é seu nome?

— Dolores.

— Pois bem, Dolores, vou levar Pedrinho a um médico de minha confiança. Tião irá junto. Concorda?

A pobre mãe o fitou, entre apreensiva e esperançosa.

— Sim, senhor! Deus lhe pague!

Já no automóvel, o toque do celular. Era Marisa, a secretária.

— Doutor, há inúmeras providências e gente esperando pelo senhor.

— Tudo bem, Marisa. Estou atendendo a um assunto urgente. Não haverá tempo para estar aí pela manhã.

Transfira tudo para o período da tarde. Chegarei por volta das catorze horas.

— Algum problema?

— Digamos que é um início de solução...

Conversamos depois.

Belizário desligou o telefone sorrindo.

A secretária jamais entenderia se lhe dissesse que estava naquele momento começando a resolver os graves problemas de omissão que lhe vinham marcando a lamentável atuação nos últimos anos, distanciado dos objetivos da jornada humana.

Disposto a encarar os refolhos de sua alma, em face da experiência aterradora que vivenciara, Belizário sentia-se perplexo ao constatar a insensibilidade que lhe marcara o comportamento nos últimos tempos.

Como pudera esquecer os ideais que cultivara na juventude?!

Lembrava-se de como, ante o conhecimento espírita, pedia aos benfeitores espirituais que o inspirassem no propósito de ajudar o próximo.

Tão ardentes ideais, tantos sonhos de vivência cristã!

Tudo ficara para trás, à medida que se envolvera com os negócios, permitindo que prevalecessem os interesses pecuniários e as ilusões do mundo sobre as mais nobres intenções

11:15 HS

Belizário entrou com Pedrinho e Tião na clínica do doutor Miranda, especialista em doenças respiratórias.

Eram velhos amigos, companheiros das peladas do-mingueiras no clube.

Pediu à atendente que informasse o médico sobre sua presença e que se tratava de uma emergência.

Em breves minutos entrou no gabinete de consultas.

Abraçaram-se.

— Então, Miranda, como vai essa força! Prosperando sempre? Ouvi dizer que está virando um magnata da Medicina...

— Qual nada, meu caro. Medicina é mero ganha-pão.

Não dá para enriquecer ninguém. Isso é para os donos de indústria...

— Quem enriquece mesmo é o governo! Os impostos nos comem por uma perna!... Mas, deixa prá lá.

Trouxe-lhe nosso Pedrinho para que o examine.

O médico olhou, surpreso, os dois garotos de trajes surrados, um deles de expressão abatida e febril.

Sem mais comentários, examinou o menino, detendo-se em auscultar o peito.

— Está com os pulmões cheios. Suspeito de pneumonia. Vamos ao exame de raios X.

Pedrinho foi levado por uma assistente. Tião o acompanhou.

Miranda estava curioso.

— Ao que me parece, Pedrinho não é membro de sua família...

— É sim. Seu também.

— Meu?

— Um irmão em humanidade. Miranda sorriu.

Aquele repente de solidariedade que brotara em Belizário era algo inusitado.

— Estou surpreso e feliz por você.

— Já sei. Não me julgava capaz de empatar o tempo fora de meus interesses comerciais, não é mesmo?

— Você o está dizendo...

— Pois saiba, Miranda, que continuo o egoísta de sempre, tentando fazer algo pelo próximo, não em função de suas necessidades, mas em meu próprio interesse.

— Há algum rendimento?

— Sim, não como você imagina. Aprendi com o Espiritismo que é somente com a prática do Bem que nos habilitamos à paz de consciência e à felicidade.

Eu andava esquecido disso, coração meio embotado pelos negócios...

— Digamos que, paradoxalmente, você está exercitando o altruísmo por egoísmo.

— Exatamente. Acertou em cheio!

— Fico feliz por você, meu amigo. Também conheço o suficiente de Espiritismo para saber que o egoísmo costuma comandar nossas ações, atrapalhando-nos até quando nos empenhamos em servir.

— Isso é novidade para mim. Nunca me falou a respeito de sua orientação religiosa.

— Falo agora. Tenho pensado muito no assunto e concluí que há três tipos de servidores.

— Três?...

— Sim. Num primeiro estágio, os mercadores.

Aprendemos com a Doutrina que é preciso praticar o Bem para que recebamos as dádivas divinas, e substituamos a moeda da dor pela moeda do serviço ao próximo. Nesse estágio está a vasta maioria dos que fazem algo pelo próximo.

É o dar com a intenção de receber.

Não são confiáveis, nem assíduos, nem perseverantes. Logo abandonam as tarefas abraçadas, porque conseguiram o que queriam e não precisam mais; ou não conseguiram e acham que não está adiantando.

Num segundo estágio estão os servidores.

São aqueles que trabalham no campo do Bem porque têm plena consciência de que assim deve ser feito.

Não aspiram a recompensas celestes ou terrestres.

Desejam apenas a aprovação da própria consciência.

São voluntários confiáveis, perseverantes. Abraçam com decisão suas tarefas, sem vacilações.

No terceiro estágio estão os santos e missionários.

Não pensam em recompensas, nem atendem aos ditames da consciência.

Servem porque amam o próximo. E demonstram esse amor da forma mais perfeita: trabalhando por seu bem-estar.

Nesse patamar estão um Chico Xavier, uma madre Tereza de Calcutá, um Francisco de Assis e todos aqueles que na Terra pontificaram no campo do Bem e da Verdade.

Belizário estava impressionado.

— Nunca tinha imaginado a prática do Bem nesses termos. Você definiu de modo perfeito esses estágios. Quanto a mim, ainda estou no primeiro.

Sou um mercador, interessado em fazer algo pelo próximo para aliviar minha consciência. E você?

— Com largos anos de profissão, vendo tanto sofrimento, tantas dores, hoje estou servindo por consciência de dever. Entendo que é nossa obrigação.

— Está bem melhor que eu, meu amigo. Imagino quantos benefícios você tem prestado, espontaneamente, habilitando-se não ao dinheiro da Terra, mas às benesses do Céu. É um felizardo!

Quisera eu poder olhar para o meu passado de consciência tranquila. Fui um tremendo egoísta!

Praza aos Céus tenha tempo suficiente para modificar por inteiro os rumos de minha existência.

— Fico feliz por você, meu caro. Ainda tem muitos anos pela frente e os recursos necessários para ajudar muita gente.

Interrompendo o diálogo, a assistente trouxe o resultado.

— Confirmado, Belizário. Os dois pulmões estão tomados.

— É sério?

— Não tanto. Ele é jovem e reagirá bem ao tratamento. Entraremos imediatamente com o antibiótico.

— Precisar de hospitalização?

— Seria o último recurso. Em face de sua debilidade, pode apanhar alguma infecção típica do ambiente hospitalar. O ideal seria tratar em casa. Conhece as condições do ambiente onde ele reside?

— Casa muito pobre, família paupérrima, em favela.

— Bem, então o hospital será a melhor alternativa, embora os riscos que correrá.

Belizário não gostou de nenhuma das opções.

Resoluto, adiantou:

— Vou levá-lo para minha casa.

Miranda o contemplou, surpreso. Colocou a mão em sua testa, brincando:

— Está com febre?

— Ora, Miranda, estou ótimo. Por que pergunta?

— Desculpe Belizário, mas você está mostrando uma faceta de sua personalidade que eu desconhecia.

— Eu também, meu amigo, eu também! Queira Deus ela sobressaia de agora em diante.

Na portaria, Belizário apanhou o talão de cheques para pagar a consulta e o exame. A secretária informou:

— Doutor Miranda disse-me para não cobrar.

— Há as radiografias...

— Está tudo certo.

Belizário sentiu os olhos umedecerem.

Viciado em contemplar o Mundo com óculos de egocentrismo, nunca imaginara como os gestos de bondade são extremamente contagiosos, gerando movimentos de solidariedade que tomam a Vida bem melhor.

12:25 HS

Deixando o consultório, Belizário providenciou os medicamentos e telefonou para a esposa.

— Querida, peço-lhe preparar um de nossos quartos de hóspedes.

A esposa sorriu.

Eram bem típicas do marido essas resoluções inesperadas.

— Algum magnata? -Não.

— Gente importante?

— Muito!

— Estou curiosa.

— É um irmãozinho...

— Irmãozinho?

— Depois explico. Chego logo.

Belizário passou no supermercado, compôs duas cestas básicas bem generosas. Deixou uma no casebre de Tião, onde ficou o menino.

A outra entregou a Dolores.

Após explicar o que estava acontecendo com seu filho, e da inconveniência de ele ser hospitalizado ou permanecer na favela, adiantou:

— Se você autorizar levarei Pedrinho para minha casa.

Diariamente mandarei alguém para informá-la de seu estado.

Dolores olhou emocionada para aquele desconhecido que em tão boa hora entrara em seu lar.

Evangélica fervorosa, tinha plena convicção de que Jesus havia atendido às suas ardentes orações.

— Sim, senhor. Fico agradecida. Jesus o abençoe!

13:25 HS

Belizário entrou em seu lar conduzindo Pedrinho.

Suzana encarou o menino com um misto de surpresa e compaixão.

Tão mirradinho, parecia muito doente!

— Este é Pedrinho, o nosso hóspede, querida.

Alguém muito importante. É um artista! Está precisando de cuidados. Imaginei que poderíamos ajudá-lo. O que você acha?

Espírito sensível, meigo coração de mulher, Suzana abraçou, carinhosa, o menino, e o levou ao quarto de hóspedes.

Rapidinho foram providenciados o banho, os pijamas, a alimentação.

Após a refeição, medicado, Pedrinho adormeceu, tranquilo, febre contida pelo antitérmico.

A sós com o marido, Suzana não conteve a curiosidade.

— Então, Belizário, quem é o nosso hóspede?

— Um garoto que faz malabarismo no semáforo. Não o vi hoje e fui até sua casa. Miséria franciscana, bem pior do que a do bairro onde o Centro tem o serviço assistencial. Um barraco de um cômodo apenas. A mãe foi abandonada pelo marido. Moram ela e mais dois filhos, além de Pedrinho. Precisamos fazer alguma coisa por aquela família.

— Fico feliz por vê-lo sensibilizado, querido. Você sabe que esse serviço é muito grato ao meu coração.

Temos recebido muito de Deus e temos que corresponder às dádivas do céu. É nossa obrigação.

Belizário abraçou a esposa, emocionado.

Experimentava infável sensação de paz, como há muito não acontecia, mesmo ao realizar seus melhores e mais lucrativos negócios.

E orava, em silêncio:

— Ah! Meu Deus! Perdoe minha cegueira espiritual!

Tardei demais em entender o que o Senhor espera de nós.

Almoçaram felizes, enquanto Suzana, considerando a transformação do marido, dizia com seus botões:

"Abençoado enfarte!"

Lembro a expressão de um amigo:

— Soubesse o malandro como é bom praticar o Bem, haveria de ser bondoso por malandragem.

É verdade, amigo leitor!

A bondade nos coloca em sintonia com os ritmos da Vida, no mais autêntico cumprimento do Amor, a lei suprema de Deus.

Se nunca o fez, experimente.

Visite enfermos, socorra necessitados, console aflitos, colabore em obras de benemerência social, e sentirá aquela energia maravilhosa que circula em nossas veias quando nossa mente povoa-se de ideais e o nosso coração vibra ao ritmo abençoado do serviço em favor do próximo.

Se você está ligado às correntes do Cristianismo, como católico, evangélico ou espírita, tenha sempre em mente a observação do apóstolo Tiago, em sua epístola universal (1:27):

A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do Mundo.

Se o termo religião vem do latim religare, ligar ou religar a Deus, como suprema realização humana, Tiago nos lembra que não há outro caminho para a religiosidade senão o serviço em favor do próximo, no mesmo espírito do ensinamento de Jesus, quando diz (Mateus 7:12):

...tudo o que quiserdes que os homens vos façam, fazei-o assim também a eles...

Detalhe interessante: quando assim fazemos, guardamo-nos da corrupção do mundo, como enfatiza Tiago, sustentada por vícios e ambições que tomam de assalto os que se fecham em si mesmos, distraídos dos imperativos da solidariedade.

Na empresa, Belizário pediu a Marisa que convocasse o chefe do arquivo.

— Então, Leônidas, como andam as coisas com o Roberto?

— Naquela base. Com dificuldade para concentrar-se no serviço. Desta vez até com motivo. Não está fácil arranjar emprego. Mas a decisão de demiti-lo foi acertada. Um problema a menos para nós. Será desligado na quarta-feira.

— Não, Leônidas, não faremos isso.

— Vai cancelar a demissão?

— Sim.

O subalterno não se conformou. Nunca tivera uma decisão relacionada com funcionários contestada pela direção da indústria.

— Ficaremos mal com os outros funcionários, voltando atrás. Além do mais, a experiência ensina que uma demissão, de vez em quando, é ótima para impor disciplina.

— Passaremos a agir diferente. Mais tarde nos reuniremos com todos os encarregados de setor para novas orientações. Vamos tentar ver em nossos funcionários não simples peças a serem substituídas quando não corres-pondam às nossas expectativas.

São seres humanos, gente de carne e osso como nós, com seus anseios e receios. É preciso ajudá-los quando em dificuldade, porquanto é graças a eles que podemos sustentar o serviço e alcançar prosperidade.

— Respeito sua decisão chefe, mas não creio que isso vá funcionar.

Dirigindo-se à secretária pelo interfone, Belizário convocou Roberto.

Adepto da filosofia de que é preciso "amarrar o burro onde o patrão manda", Leônidas julgou prudente silenciar novas discordâncias.

Em breves momentos entrava o servidor demissionário.

Belizário observou a triste figura que tinha diante de si.

Pálido e trémulo, muito magro, certamente com sérios problemas emocionais, nervos em frangalhos pela sobrecarga impiedosa de uma demissão.

— Bem, Roberto, vamos tentar definir o que está acontecendo. Diga-me: como se sente em nossa empresa?

— Muito mal. Não é que eu não goste do que faço ou tenha um ambiente ruim. Ocorre que, após refazer-me em licença-saúde, tão logo volto para o serviço, fico apavorado. Encaro a jornada diária como um desafio que não consigo enfrentar. O senhor tem razão em me demitir.

Gostaria apenas que entendesse que não é intencional o meu comportamento. Não sei definir o que acontece. É como se fosse tomado por uma força estranha que pretende minha ruína.

Belizário sentiu-se um criminoso.

Ali estava um homem com sérios problemas emocionais, certamente agravados por perturbações espirituais e pela política que ele próprio impusera à empresa. A norma era cobrar produtividade dos funcionários, sem cogitar de seus anseios e receios, carências, dificuldades...

— Bem, Roberto, pelo que vejo, o que o perturba mais é o mal-estar que o domina quando volta ao serviço...

— É isso mesmo! Os médicos dizem que sou portador da Síndrome do Pânico. Não entendo bem o significado dessas palavras. O fato é que fico apavorado ao reassumir minhas tarefas.

— Estou entendendo que você encara como um desafio insuperável manter-se no serviço durante as oito horas da jornada. Não é isso?

Cabisbaixo, mudo, olhos marejados, Roberto acenou afirmativamente.

— É horrível, doutor. Gosto de trabalhar aqui. Preciso do emprego. Não sei por que isso está acontecendo comigo. Jamais enfrentei nada semelhante. Sempre desempenhei com tranquilidade minhas tarefas!...

Belizário sentiu imensa angústia.

Vinha exercendo a sua função de administrador à distância da justiça, ignorando deliberadamente as dificuldades de seus subordinados.

Veio-lhe à mente a observação de Kardec, ao tratar do homem de bem:

Se a ordem social colocou sob o seu mando outros homens, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus; usa da sua autoridade para lhes levantar o moral e não para os esmagar com o seu orgulho.

Evita tudo quanto lhes possa tornar mais penosa a posição subalterna em que se encontram.

"Oh! Meu Deus! — implorava intimamente —, inspira-me, Senhor, a agir como um verdadeiro homem de bem, não como simples empresário!"

Contendo a emoção, comentou:

— Realmente, Roberto, não podemos continuar assim...

O funcionário vertia lágrimas incontroláveis.

Imaginava-se às voltas com seus compromissos e suas angústias, sem ter como prover as necessidades da família, a afundar no negro abismo de seus temores.

Leônidas observava, impassível, com a frieza dos que não costumam colocar-se no lugar do outro, insensível às suas amarguras.

Belizário falou, resolutivo:

— Leônidas, atente bem às minhas instruções.

— Pode falar chefe.

— Roberto vai ser reintegrado em suas funções e terá apenas um compromisso, diariamente: assinar o .

A jornada de trabalho ficará por conta dele.

Uma hora, duas, cinco, o que a sua disposição de ânimo determinar. Se meia hora depois não se sentir em condições, poderá ir embora.

Leônidas espantou-se.

— Não seria melhor...

— Está decidido, Leônidas. Até segunda ordem, sua função como chefe será apenas a de observar se ele assinou o .

Certo?

— O senhor manda.

Roberto continuava a chorar, mas agora lágrimas de alívio, um imenso alívio pela chance maravilhosa que lhe era concedida.

— Muito obrigado, doutor! Nem sei como lhe agradecer! Prometo-lhe que não vou abusar. O senhor tirou um peso de meus ombros. Hei de corresponder às suas expectativas. Não vai arrepende-se. O Céu o abençoe!

— Não se preocupe, meu filho. O umbral já me abençoou!

— Umbral?!

— E só uma brincadeira, Roberto. Vá tranquilo.

O funcionário deixou o gabinete.

Leônidas não se conteve.

— Chefe, se a moda pega, ninguém mais vai cumprir horário...

— Ora, Leônidas, você anda muito descrente da natureza humana. Vamos dar uma chance ao rapaz.

Estou certo de que tudo se ajeitará.

Belizário começava a compreender que um homem de consciência desperta é o mais poderoso recurso em favor de uma sociedade justa e solidária.

TERÇA FEIRA, 03 DE ABRIL — 10:05 HS

Belizário conversava com Antenor, do setor de cobranças.

— Como está a situação do Joaquim Santos?

— O pagamento não foi efetuado. Encaminhei o título para o cartório.

— Foi protestado?

— Sim, conforme suas instruções.

— Retire o título e chame o devedor. Tentaremos negociar um acordo.

Antenor o contemplou surpreso.

Não entendia o comportamento do chefe, antes tão cioso dos interesses da indústria e agora disposto a concessões.

— Mas já lhe demos um mês para pagar! Ele prometeu que liquidaria o débito no novo vencimento!

— Certamente houve problemas com sua empresa.

Entre em contato.

— Olhe chefe, não quero contestar sua orientação, mas se não endurecermos com os devedores eles vão abusar.

— Ora, Antenor, você mesmo insistiu comigo que se trata de um bom cliente. Procure saber o que está acontecendo.

Seguindo a orientação, Antenor telefonou ao escritório da empresa em débito.

Colheu uma informação e retornou a Belizário.

— Nosso cliente está hospitalizado. Sofreu um enfarte há duas semanas. O caso inspira cuidados.

Belizário estremeceu!

Nunca se preocupara em saber por que dívidas não eram salgadas, agindo com frieza. Quanta gente teria prejudicado, exacerbando suas dificuldades, simplesmente por cuidar apenas de interesses pessoais, sem pensar no próximo?!

Lembrava a história do devedor de um banqueiro intransigente que, olhando firme em seus olhos, dissera:

— O senhor tem um olho de vidro.

— Realmente. Mas estou surpreso que tenha percebido. O olho foi fabricado com os melhores requintes de técnica para parecer natural. Como o identificou?

— É o único que tem um pouco de calor humano...

Belizário horrorizava-se ao reconhecer que lhe faltara humanidade na condução de seus negócios. A racionalidade fria o orientava.

Na verdade o desorientava em relação aos ditames do Bem, que julgava observar na sua miopia espiritual.

Com semelhante comportamento, prosperara materialmente.

Espiritualmente estava em frangalhos.

— Então, chefe, o que fazemos?

— Verifique onde nosso cliente está internado.

16:14 HS

Belizário entrou no hospital, dirigindo-se à portaria.

De posse da informação desejada, foi até o apartamento indicado.

A porta encontrou uma senhora relativamente jovem; não teria mais de quarenta anos, mas bastante abatida, expressão sofrida e preocupada.

— Boa tarde! Meu nome é Belizário. A senhora é parente do Joaquim?

— Sou Diana, sua esposa.

— E como está ele?

— Melhor, mas seu estado inspira cuidados.

Permanece na UTI, em observação.

— Sei o que é isso. Também passei por um enfarte.

— Então pode imaginar nossa aflição. Meu marido sempre desfrutou de boa saúde, mas não resistiu às tensões que vinha sofrendo.

— Os negócios...

— Sim. Nossa empresa enfrenta dificuldades.

Ultimamente, aconteceram vários problemas gerando uma situação extremamente complicada.

— Mas ele está reagindo bem? Precisa fortalecer-se para enfrentar esse desafio.

— Esse é o problema maior. Não obstante as recomendações dos médicos, meu marido não conseguiu desligar-se das preocupações com os compromissos comerciais. Teve um título protestado por seu maior credor.

A tensão é grande!

As lágrimas fluíam por seus olhos tristes, exprimindo intensa amargura.

Belizário sensibilizou-se:

— Dona Diana, estou aqui para dizer-lhe que fique tranquila. Creio que sou esse credor maior. A dívida que seu marido tem com minha indústria permanecerá em aberto, sem maiores consequências.

Já retirei o título do cartório.

A jovem senhora o contemplou, surpresa.

— Bem, tudo o que precisamos é um prazo maior, porquanto há boas perspectivas de vendas.

— Nem se preocupe com o prazo. Quando ele puder retomar suas atividades, trataremos de fazer uma nova composição que lhe dê fôlego para sair das dificuldades atuais. E continuaremos a lhe fornecer o necessário para seguir em frente no seu trabalho.

Diana o contemplava num misto de surpresa e emoção.

— E representante da empresa?

— Sou o proprietário.

— Nem sei o que dizer! O senhor acaba de resgatar minha fé na Humanidade!

— Nada faço nada além de minha obrigação. Estou certo de que dessa forma Joaquim poderá tranquilizar-se. Tão logo esteja bem conversarei pessoalmente com ele e acertaremos tudo.

Diana o abraçou como vida!

— Deus lhe pague! Não sabe o bem que está fazendo!

De retorno ao lar, dirigindo o automóvel, Belizário lembrava um episódio bíblico (Gênesis, 4:9):

Convocado por Jeová, que lhe indagava onde encontrar seu irmão Abel, que ele matara por inveja, Caim respondeu:

— Acaso sou responsável por meu irmão?

E Belizário conjecturava, aturdido:

"Meu Deus! Somos todos fraternicidas, à medida que "matamos" a fraternidade quando ignoramos a dor de nosso irmão, não raro provocada por nós mesmos."

Entendia agora, mais do que nunca, por que a Terra é um planeta de provas e expiações. É que aqui impera o egoísmo, na lamentável tendência do cada um por si.

Imaginava como poderia transformar-se num paraíso se as pessoas estivessem interessadas em estender a solidariedade ao redor de seus passos, a partir do empenho em atentar à dor de seu irmão.

19:40 HS

Belizário chegou ao Centro Espírita em companhia de Suzana.

Cumprimentou o dedicado dirigente.

— Então, Marques, como vão as coisas?

— Nas lutas de sempre, procurando errar menos e acertar mais.

— Grande verdade, meu amigo, creio que esse é o nosso grande desafio!

— É a minha preocupação, Belizário. Creio que a maior parte de nossos enganos na Terra são decorrentes do desleixo em relação aos objetivos da existência humana.

— Transitamos distraídos pelo Mundo...

— As pessoas nem mesmo sabem por que vivem.

Pergunte ao seu redor. Poucos se preocupam em cogitar de onde vieram, por que estão na Terra, para onde vão...

— O pior, Marques, é que isso acontece no próprio meio espírita.

— Falta reflexão! Você conhece o livro A Ilha?

— Espírita?

— Não, mas a proposta é instigante. O autor, Aldous Huxley, reporta-se a uma comunidade treinada para vivenciar intensamente experiências no campo da percepção.

— Abrir os olhos...

— Exatamente. Havia muitos mainás na ilha, pássaros que imitam com perfeição a voz humana, como os papagaios. Eram treinados para repetir, incessantemente, uma frase. Em bandos, voejando ou empoeirados nas árvores, repetiam o estribilho:

Aqui e agora! Aqui e agora!

— Notável essa ideia, Marques. É isso mesmo. Abra os olhos! Mantenha-se acordado! Quantas coisas boas fariamos se prestássemos atenção ao momento presente!

— E evitaríamos as más! Lembro aquele orai e vigiai recomendado por Jesus. É um empenho justamente de prestar atenção. Muitos comprometimentos morais seriam evitados se as pessoas tivessem esse cuidado...

— Tenho pensado muito nisso. Há tanta coisa boa que podemos fazer, tantos benefícios em favor do próximo... No entanto, seguimos distraídos e omissos...

— Deveríamos instalar um mainá mental em nosso cérebro. Um insistente aqui e agora para jamais fazermos algo de que nos arrependamos e, sobretudo, exercitar o que é certo, justo, verdadeiro, como o homem de bem proposto por Kardec.

— Você nem imagina, Marques, o que significa para mim esse texto do Codificador. Mas, a propósito, como vai a campanha para a construção da creche?

— Meio devagar. Os frequentadores ainda não acor-daram para essa necessidade. Não pegaram nessa bandeira, talvez porque não prestam atenção às necessidades alheias.

— Pois é, Marques, precisamos distribuir mainás aos nossos confrades.

— Muitos mainás, a repetir o apelo: Aqui e agora, o que está você fazendo para construção de nossa creche?

— E há a questão da motivação. Eu mesmo, até hoje não estava muito interessado no assunto. Saiba que agora estou, e muito! Vou colaborar com o Centro. E gostaria, se você me permitir, de falar algo ao final da reunião. Tentarei encarnar o mainá.

— Tudo bem, será um prazer.

20:00 HS

Marques abriu a reunião com a costumeira prece.

Sucedem-se dois expositores, abordando O Livro dos Espíritos e O Evangelho segundo o Espiritismo.

Ao final, ofereceu a palavra a Belizário, que, diante do público de perto de duzentas pessoas, falou:

— Meus amigos, boa noite! Jesus abençoe nossos propósitos de bem servir.

Como frequentador de nosso abençoado Centro, sinto-me na obrigação de algo falar sobre a campanha para construção da creche.

Belizário notou algumas expressões de enfado.

As pessoas costumam dar atenção às promessas de socorro para seus males, mas estão pouco dispostas a cogitar de socorro para males alheios.

Continuou, resolutivo:

— Tenho meditado muito em tomo de uma máxima de Allan Kardec, que podemos situar como a bandeira do Espiritismo, bem conhecida entre nós: Fora da caridade não há salvação.

Como ensina a Doutrina, ninguém está perdido, porquanto somos todos filhos de Deus e permanecemos sob seu olhar complacente. Por mais longe nos levem os nossos desatinos, ainda

assim permaneceremos nos domínios do Senhor, regidos por leis soberanas, que disciplinam nossas emoções e reajustam nossas ideias.

Entendo que o Codificador usou o termo salvação no sentido de superação de nossas mazelas, a fim de edificarmos uma sociedade justa e solidária.

O elemento gerador de todos os males humanos é o egoísmo, que nos leva a pensar muito em nós mesmos, e o resto que se dane.

Ele nos serviu no passado, enquanto transitávamos pela irracionalidade, mas nos atrapalha na planície da razão. É como alguém que deve atravessar um pântano e usa um barco, que lhe é extremamente útil.

Entretanto, ao chegar à terra firme não pode carregar o barco em seus ombros. Vai atrapalhar sua caminhada. É preciso deixá-lo para seguir adiante.

O barco representa nossas tendências egocêntricas.

O pensar em nós mesmos, fundamental em estágios primários, quando éramos apenas um princípio espiritual em evolução.

Agora, como seres racionais, ele nos atrapalha. É preciso deixá-lo.

Não é fácil, porquanto estamos tão habituados a usá-lo que está entranhado em nossa personalidade, em nossa maneira de ser.

Demorei a entender isso, por não me deter sobre o assunto, mergulhado nos interesses imediatistas.

Transitamos pela Terra distraídos dessa realidade. O Espiritismo nos alerta sobre o assunto.

É preciso vencer o egoísmo! E o antídoto é a caridade. Quando nos preocupamos com o próximo, superamos o perigoso engano de pensar demasiadamente em nós.

Não é preciso grande esforço de raciocínio para saber que combater o egoísmo, exercitando a disposição de amparar o próximo, é também um problema de segurança.

A miséria que cresce na periferia derrama-se em ondas de violência sobre a cidade.

Todo empenho, portanto, no sentido de socorrer nossos irmãos carentes, é um investimento que fazemos a benefício próprio, favorecendo a segurança da família, a tranquilidade do lar.

Nosso Centro vem desenvolvendo louvável esforço nesse sentido, como todos sabem. Agora o desafio maior: erguer o prédio onde funcionará nossa creche para duzentas crianças.

Serão dezenas de mulheres pobres que terão onde deixar seus filhos, a fim de que possam trabalhar e melhorar as condições do lar, criando melhores perspectivas para o futuro da família.

Nosso apoio e decisiva contribuição em favor da creche é, sobretudo, a contribuição em favor de uma sociedade melhor, buscando aquele socialismo ensinado por Jesus, uma adesão da própria consciência ao esforço da fraternidade.

É olharmos as pessoas como irmãos, filhos do mesmo pai de Amor e Misericórdia apresentado por Jesus, aos quais devemos atenção, respeito e amparo, na medida de nossas forças e de nossos recursos.

Quando esses princípios cristãos se disseminarem por toda a Terra; quando as pessoas se renderem ao esforço da fraternidade, estaremos às vésperas do Reino de Deus prometido por Jesus.

É para que nos conscientizemos melhor, não apenas em relação às nossas responsabilidades, mas, sobretudo, em relação aos nossos próprios interesses, não nos esqueçamos de que a criança carente que atendermos hoje neutralizará o assaltante que poderá nos agredir amanhã.

Belizário fez breve pausa, observando o impacto de suas palavras.

Não viu ninguém cochilando. Bom sinal.

E prosseguiu:

— Isso posto, tenho duas boas notícias para lhes dar.

A primeira: já temos o dinheiro necessário para a construção da creche.

A segunda: o dinheiro está no bolso de todos nós!

O comentário bem-humorado foi recebido com risos descontraídos.

O terreno estava preparado para a sementeira em forma de apelo.

Belizário sugeriu ampla campanha para um abrir a bolsa, com o slogan:

Se você socorrer a periferia não precisará pedir socorro a quem policia.

Um posto de inscrições foi aberto e logo após a reunião dezenas de frequentadores, motivados, dispuseram-se a colaborar com doações e a participação como voluntários.

Marques estava exultante.

— Belizário, meu caro, entendo agora por que você é um empresário bem-sucedido. Conseguiu em minutos de exposição uma colaboração que venho tentando há semanas.

Belizário sorriu.

— A Doutrina Espírita é muito liberal. Deixa ao arbítrio de cada um dar o que julga razoável. A maioria pensa em dar o que sobra, mas como as necessidades humanas são sustentadas pelo egoísmo, que é insaciável, pouco sobra para a solidariedade.

— Você tem razão. É isso mesmo!

— Estou aprendendo a superar essa tendência. De minha parte, fica por minha conta o início da obra, o muro e as fundações. Buscarei junto a empresários amigos contribuições para que em breve inauguremos nossa creche.

Marques o abraçou, sensibilizado.

— Você nem imagina o bem que está fazendo! Deus o abençoe!

— Já me abençoou, Marques, muito, com a saúde, os recursos financeiros, a esposa adorável, os filhos, o conhecimento espírita e, sobretudo, o umbral, meu amigo, o umbral!

— Umbral?

— É outra história. Um dia conversaremos a respeito.

QUARTA FEIRA, 08 DE ABRIL — 08:18 HS

Belizário e Suzana tomavam o desjejum.

A mesa, ilustre convidado: Pedrinho.

O menino recuperava-se a olhos vistos. A temperatura quase voltara ao normal. Mostrava-se animado, enquanto Suzana o servia, a perguntar-lhe:

— Então, Pedrinho, como estamos?

— Estou ótimo, tia. Sinto-me muito bem.

— Mais alguns dias e você estará curado. Logo poderá voltar para casa.

— Eu estava pensando em voltar já para meu posto de malabarista.

— Calma, menino. É cedo ainda. Não tenha pressa.

— Malabarismo é o que você gosta de fazer, Pedrinho? — perguntou Belizário.

— Sim, senhor. Tenho jeito para isso. Quero trabalhar no circo.

— Para isso terá que estudar muito. Já pensou nisso?

— Bem, tio, aí fica complicado. Só estudei até o quarto ano. Não tenho pai. Minha mãe precisa de mim.

— E se eu estiver disposto a fazer um investimento em você?

— Investimento?

— Voltará à escola e o matricularei num curso de aprendizes do circo que temos aqui na capital.

— E minha mãe?

Marido e mulher emocionaram-se com aquele menino tão novo e já com consciência de dever, disposto a sacrificar sua infância em favor da família.

Belizário o tranquilizou.

— Providenciarei para que ela tenha o necessário, sem que você precise voltar a fazer malabarismo na rua. O que acha?

Os olhos do menino brilharam:

— Aprender a trabalhar no circo?! É tudo o que tenho sonhado! Mas o senhor não explicou o que é investimento...

— E quando aplicamos um dinheiro numa atividade qualquer, visando um lucro, com o propósito de aumentar o nosso património.

— Vamos ver se eu entendi. Quando me formar no circo começarei a trabalhar e terei o compromisso de lhe pagar para que receba o dinheiro de volta e tenha seu lucro...

— Não será bem assim, Pedrinho. Não terá que pagar nada. O lucro que espero colher é a satisfação em vê-lo bem encaminhado na vida e com um compromisso apenas.

— O que é compromisso?

— Digamos que é como um débito a pagar, mas não em dinheiro.

— Pagar como?

— Quando você tiver condições, assumirá o compromisso de fazer algum bem a outras pessoas, assim como estarei beneficiando você.

— Como uma corrente.

— Exatamente.

Pedrinho ria, feliz.

— Sabe, tio, todos os dias, à noite, lemos o Evangelho. Lembro de uma lição de Jesus, dizendo que o Reino de Deus é como uma semente de mostarda, que é a menor das sementes. Quando é lançada no chão, brota um arbusto que cresce tanto como as árvores. Mamãe disse que semear o Reino de Deus é praticar o Bem, ajudar os necessitados.

— Sua mãe fala com sabedoria, Pedrinho. O Bem é assim mesmo, começa como uma sementinha de bondade que vai contagiando as pessoas e crescendo nos corações.

O menino sorriu, feliz.

— Bem se vê tio, que o senhor é um semeador do Reino!

— Todos nós podemos ser Pedrinho. Basta ter boa vontade. Você também semeia o Bem quando faz malabarismo à frente dos carros, oferecendo um momento de descontração para os motoristas tensos que circulam pelas ruas de São Paulo.

— E quando me dão alguns trocados, também semeiam o Bem. É assim que ajudo em casa.

Suzana sorriu, emocionada, e comentou, carinhosa.

— E isso mesmo, meu filho! Todos podemos ser semeadores do Reino, estendendo o Bem ao redor de nossos passos, onde estivermos.

— Uma coisa não entendo, tia. Se é tão bom praticar o Bem, se podemos ajudar as pessoas edificando o Reinoprometido por Jesus, na Terra, por que tantas pessoas parecem ter prazer em semear o mal? Há tanta miséria, tanta tristeza no mundo!

Belizário emocionou-se.

Desde a experiência de quase morte, isso acontecia com frequência.

Sorriu, contendo as lágrimas:

— É que as pessoas ainda não sabem como é bom praticar o Bem e acabam envolvendo-se com coisas que contrariam a bondade.

Ele próprio, com todo o conhecimento espírita, bênção de Deus em sua vida, deixara-se levar por suas fraquezas.

Lembrou-se de uma lição, em O Livro dos Espíritos, onde o mentor explica que o mal no mundo se expande por omissão dos bons.

Quão omissos eles foram!

Pedrinho quebrou o silêncio.

— Tudo bem, tio. E quando o senhor começará a investir em mim?

— Já comecei Pedrinho, trazendo-o para minha casa, a fim de fortalecer-se, superando a enfermidade.

Creio que na próxima semana você terá alta. Providenciaremos para ajeitar sua casa e dar-lhe melhores condições.

Cuidaremos de você e de sua família. Fique tranquilo.

Vai tudo correr bem.

— Considerando que devemos pensar sempre nos outros, lembro do Tião. Será que ele pode ser ajudado também?

Suzana olhou para o marido.

— E agora, querido?

— Tudo bem, sempre cabe mais um. Vamos investir no Tião também, Pedrinho.

E sorriam, felizes, experimentando aquela felicidade que dinheiro algum é capaz de comprar. Aquela felicidade que se sustenta na sintonia com as fontes da Vida, quando nos propomos a exercitar a bondade.

18:15 HS

Belizário convidou Suzana ao quarto.

— Minha querida, temos um assunto grave a tratar.

— Algum problema na indústria?

— Não, é com o Maurício.

— Maurício?!

— Você vai ser avó...

— Meu Deus, a Rita?

— Sim, ela me procurou antes do enfarte.

— E o que você lhe disse?

— Falei bobagem. Tive a infeliz idéia de sugerir o aborto criminoso, interrompendo a gravidez.

Suzana levou um choque.

— Aborto! Não acredito que você tenha pensado em cometer esse crime!

— Hoje também penso assim e até estremeço.

Incrível como negligenciamos os princípios mais sagrados quando deixamos o egoísmo comandar nossas vidas. O pior é que falei também com o Maurício a respeito dessa lamentável providência e ele concordou.

— Maurício é jovem e sem juízo. Não é de estranhar tenha essa atitude. A mocidade é imediatista. Você já pensou no que faremos?

— Minha ideia é dar apoio à Rita. Assumiremos o sustento da criança, se necessário.

Suzana concordou que era o mais sensato, mas havia os pais da jovem.

— Eu os conheço bem, meu querido. São boas pessoas, situação financeira confortável, mas muito preocupados com as convenções. Não será fácil convencê-los a aceitar a gravidez da filha.

— Sei disso, mas vamos tentar. Quero que você vá comigo até a casa da Rita. Haveremos de entrar num acordo para que nosso neto possa nascer sem maiores complicações.

Atendendo à solicitação do marido, Suzana telefonou para a mãe de Rita.

— Oi, Maura, boa noite! Tudo bem por aí?

— Sim, com a graça de Deus. Faz tempo que vocês não dão notícias.

— Estávamos, Belizário e eu, pensando em fazer-lhes uma visita hoje.

— Assim, de repente? Algum contratempo?

— Não. Queremos apenas conversar sobre Maurício e Rita.

— Rita deve estar com problemas no namoro. Anda inquieta. Noutro dia vi que esteve chorando... Não me diz nada. Será que se desentenderam?

— Conversaremos sobre isso. Por volta de vinte horas chegaremos.

— Ótimo! Estaremos aguardando.

20:22 HS

Na ampla sala de visitas, Belizário e Suzana conversavam com Rogério e Maura.

Casal bem de vida.

Ele, procurador do Estado; ela, professora universitária.

Não pareciam ter idéia do que estava acontecendo.

Suzana perguntou:

— E Rita?

— Está no colégio.

— Ótimo! Poderemos conversar à vontade. Maura, denotando preocupação, comentou:

— Confesso que estou nervosa. Como lhe disse, Rita anda esquisita, ultimamente. Quieta, irritadiça, mal conversa conosco.

Suzana ensaiou um sorriso.

— Coisa dos jovens...

— Por outro lado, há tanto tempo vocês não aparecem. .. Aconteceu algo com os meninos?

Belizário respondeu, ensaiando um tom bem-humorado:

— Nada de grave. Dependendo da maneira como encararem, o que temos a lhes dizer poderá ser um problema ou uma bênção.

Rogério sorriu, constrangido.

— Pelo jeito de vocês, minha intuição sugere que está mais para problema...

— Pois eu e Suzana consideramos uma bênção.

Espero que seja o mesmo para vocês. O que quero dizer é que nós quatro fomos agraciados com um presente do Céu.

— Presente!... Do Céu?!

— Sim, seremos avós dentro de alguns meses.

Uma bomba no ambiente não teria um efeito tão devastador.

Rogério não achou nenhuma graça na observação de Belizário.

Num misto de acabrunhamento e indignação, questionou:

— Rita, grávida? Não é possível!

— É sim, meu caro. Ela procurou-me. Estava com medo de conversar com vocês a respeito.

Maura chorava, enquanto Rogério exasperava-se, inconformado:

— Como pode! Ela é pouco mais que uma menina!

Como teve a coragem de nos dar esse desgosto?!

Procurando acalmar o casal, Belizário reafirmou:

— Ora, Rogério, é evidente que não houve nenhuma intenção de nos aborrecer. Tanto Maurício como Rita não planejaram ter um filho agora. Simplesmente aconteceu, como ocorre com milhões de casais.

Ocioso e contraproducente entrarmos em guerra com eles.

Rogério não se conformava.

— Não aceito isso! Rita sempre foi muito bem instruída! Não poderia ter deixado acontecer!

Belizário insistiu:

— Inútil cogitar de como ou por que aconteceu. Os desígnios divinos são sábios e justos. Deus sabe o que faz.

E é preciso considerar a situação do Espírito que está chegando. Evidente que não há de sentir-se bem se estivermos a discutir se devemos acolhê-lo com carinho ou rejeitá-lo.

Rogério, prestes a ter uma crise nervosa, fitou Belizário e falou veemente.

— A solução é o aborto. Rita tem muito estudo pela frente e é imatura. O mesmo acontece com Maurício.

Ambos não têm a mínima condição para assumir o compromisso de um filho.

Suzana contemporizou.

— Desculpe Rogério, mas para nós, como espíritas, é uma solução impensável. Aliás, você e Maura, como católicos, sabem disso também. O aborto é um assassinato intra-uterino. É matar um ser humano que estagia no ventre materno à espera do tempo certo para iniciar sua jornada.

Rogério, como todos os religiosos de fachada, sempre disposto a agir segundo suas conveniências e não de acordo com os preceitos de sua religião, acentuou:

— Não, não e não! Não é justo! Uma criança agora só nos traria complicações!

Belizário, que antes de sua experiência além-túmulo pensava da mesma forma, buscou demovê-lo.

— Estamos diante de um fato consumado, Rogério.

Sua filha espera um filho, que é nosso neto. Aborto está fora de cogitação. Equivale a um assassinato, como disse Suzana.

Não creio que devemos matar alguém que vem chegando somente para atender às nossas conveniências.

Rogério estava irredutível.

— Se vocês insistem nessa ideia, fiquem com Rita.

Assumam o compromisso de cuidar dela e da criança.

Maura, a chorar, questionou o marido.

— Rogério, que é isso? Que ideia absurda! Rita é nossa filha muito amada! Esqueceu-se disso?

—Desonrou nosso lar!...

Belizário se interpôs:

— Não é bem assim, Rogério. Esse argumento serviria para a Idade Média. Uma criança nunca é uma desonra, seja como for a condição em que venha ao Mundo. É um filho de Deus colocado aos nossos cuidados.

Maura, mais sensível, logo concordou com a argumentação de Belizário, reconhecendo que era preciso mudar de atitude diante da gravidez de Rita.

Rogério relutava, mas acabou cedendo. Não desamparariam a filha.

Belizário completou.

— Já que concordamos, vamos mudar a nossa postura.

Por minha convicção espírita, sei que há um Espírito retornando à Terra para trabalhos de renovação.

A fé católica ensina que o Espírito é criado no momento da concepção. Seja qual for a nossa convicção religiosa, num ponto devemos estar de acordo. É alguém que está chegando.

É preciso criar uma atmosfera de carinho em torno dele. A experiência tem demonstrado que a rejeição costuma provocar traumas no Espírito. Não raro, problemas de comportamento que ele apresentará na idade adulta serão decorrentes da maneira como foi recebido.

Rogério surpreendeu-se com o argumento.

— Isso é novidade para mim. Há fatos, envolvendo o assunto?

— Você ficaria surpreso se conhecesse todos. Posso lhe dar alguma literatura a respeito. Pela hipnose, pessoas regridem ao momento do nascimento, e muitos reclamam que sentem rejeição da parte do pai, da mãe, ou de ambos. Reclamam, também, da frieza dos médicos durante o parto.

— Impressionante! Nunca tinha pensado nisso.

— Você ficará sabendo mais coisas com os livros que vou lhe passar.

O enfoque novo para a questão do nascimento impressionou Maura e Rogério, desanuviando o ambiente.

Ficou acertado que Rita receberia todo apoio para levar avante a gestação e os avôs dividiriam os encargos, até que os pais da criança tivessem condições para assumir a responsabilidade de sustentá-la.

No automóvel, de retorno, Suzana olhou com admiração para o marido.

Parecia-lhe reencontrar o namorado idealista, cheio de entusiasmo pelo Espiritismo, que a havia convertido à Doutrina com seus argumentos inquestionáveis.

Nos últimos anos percebera o distanciamento de Belizário, em relação aos seus ideais.

Embora conservasse sólidas convicções, os interesses comerciais, o envolvimento com a indústria, a preocupação com o dinheiro, haviam prevalecido.

— Belizário, meu bem, foi emocionante ver você defendendo a maternidade e convencendo nossos amigos em favor de uma decisão acertada. Você parece ter renascido após o enfarte!

— Eu estava dominado pelas ilusões do mundo, minha querida. O enfarte foi providencial.

— Tenho pensado nisso, ultimamente. Sempre encaramos a doença como algo ruim. Para nós, espíritas, um resgate perturbador. No entanto, parece-me que a doença é muito mais um apelo da Espiritualidade para que corrijamos nossos rumos, aproximando-nos de Deus.

— Exatamente, Suzana. Vejo hoje no enfarte que sofri um repicar dos sinos de Deus, despertando-me do sono das ilusões. Ante a perspectiva da morte, fiz uma avaliação de minha existência e senti que estava num caminho totalmente equivocado.

— Você ainda não disse exatamente o que lhe aconteceu.

— Por enquanto não me sinto com disposição para falar sobre minha experiência. É preciso, primeiro, consertar alguns estragos que fiz em minha biografia espiritual. Depois lhe falarei a respeito do que aconteceu comigo naqueles momentos cruciais em que os médicos lutavam por me ressuscitar.

23:10 HS

Entrando em casa, Maurício deparou-se com Belizário e Suzana que o esperavam.

— Reunião em família?

Belizário adiantou o assunto.

— Vamos conversar sobre Rita e seu filho que está para chegar.

— Mamãe já sabe? Não era um segredo entre nós?

— Chega de segredos, Maurício. Vamos agir às claras, com transparência. E vamos fazer o que é certo, não o que é determinado por nossas conveniências.

Suzana tomou as mãos do filho.

— Meu querido, um filho é uma dádiva, não importam as circunstâncias em que venha ao mundo. Você tem suficiente conhecimento espírita para saber que uma reencarnação não é obra

de simples acaso. É preciso que assumamos nossas responsabilidades diante da vida que vem chegando.

Maurício sabia que sua mãe tinha razão, mas relutava.

O conhecimento superficial da doutrina, o Espiritismo não internalizado, tornava muito difícil aceitar a solução proposta pelos pais.

Seria tão mais simples optar pelo aborto...

— Papai tinha resolvido de outra maneira. Sou muito jovem para assumir essa responsabilidade.

Com tristeza, Belizário viu no filho a mesma postura que adotara anteriormente.

— Com a graça de Deus, Maurício, mudei a minha maneira de encarar essa situação. Eu estava totalmente equivocado. Não podemos fechar a porta para o Espírito que vem chegando. Vamos cuidar dele.

— Mas, papai, eu não me sinto preparado!

— Você gosta de Rita?

— Sim!

— Não pretende casar-se com ela?

— Isso é outra conversa. Há muito chão pela frente.

Nem mesmo tenho um emprego!

— Bem, o importante agora é assumir o filho. Nós e os pais de Rita os ajudaremos. Quanto ao casamento, ambos decidirão quando estiverem em melhores condições para avaliar se desejam, realmente, encarar uma existência em comum.

— Bem, se o senhor julga que será a melhor solução, tudo bem.

— Maurício, não fale em solução. Não estamos diante de um problema. Vamos pensar com carinho nesse ser que está chegando.

Embora relutante, o filho concordou.

Belizário e Suzana entraram no quarto de hóspedes.

Pedrinho dormia tranquilo.

Suzana notou que lágrimas afluíam nos olhos do marido.

Os últimos acontecimentos revelavam uma mudança de comportamento realmente admirável.

— Decididamente, meu querido, algum bicho o mordeu. E deve ser um bicho abençoado, porque você voltou a ser aquele jovem idealista por quem me apaixonei.

Lembrando do umbral, Belizário concordou.

— Você tem razão, Suzana. Fui mordido por um bicho feio, enorme, trevoso, mas graças a ele estou acordado para meus deveres.

— Estou ansiosa em saber o que lhe aconteceu.

— Tenha um pouco mais de paciência. Logo conversaremos.

Suzana o abraçou, feliz:

— Quem foi, o que foi, como foi, não importa! O que vale é o resultado! Adoro você!

23:55 HS

Deitado, após a oração que voltara a exercitar, pela manhã e à noite, propondo-se sempre a dedicar a existência a serviço do Cristo, Belizário avaliava a situação que estava vivendo.

As observações carinhosas de Suzana o levavam a considerar que o Bem ou o Mal não exprimem tanto a condição evolutiva.

Subordinam-se ao exercício do livre-arbítrio.

Não é tanto a imaturidade que leva as pessoas a optarem por maus caminhos.

Se assim fosse estaria justificado todo o mal do Mundo.

É muito mais uma questão de escolha.

Não nos transformamos em pessoas bondosas quando amadurecemos.

Amadurecemos quando nos decidimos a exercitar a bondade.

Não era o que via todos os dias, com criminosos que se regeneravam, viciados que se tornavam virtuosos, pecadores que se redimiam?

Mas, também exercitando o livre-arbítrio, há desvios lamentáveis. Ele era o exemplo marcante.

Em princípio, os ideais sublimes que trouxera da espiritualidade, a refletirem-se no trabalho espírita, na vinculação aos serviços assistenciais, no empenho de renovação. ...

Bons tempos aqueles, em que vibrava no entusiasmo juvenil de mudar o Mundo, de fazer algo em benefício do bem comum, consciência desperta, a conduzi-lo por caminhos de virtude...

Depois, os interesses pecuniários, as ambições, a volúpia de ganho, os impulsos passionais, amornando-lhe a crença, comprometendo suas iniciativas, desviando-o da rota...

Não fora a experiência tenebrosa no umbral com a dor, o Sino de Deus a despertar sua consciência, inspirando-o a retomar os ideais da juventude e a refazer o caminho, ninguém poderia prever até onde o levariam seus desatinos.

E orava, súplice:

"Oh! Senhor! Não permitas que eu mude novamente de rumo, voltando às inconseqüências em que me comprometi, ainda que Vosso Sino deva repicar insistente em mim!"

QUINTA FEIRA, 05 DE ABRIL — 10:18 HS

Atendendo a uma convocação, Antônio Sinfrônio entrou no escritório de Belizário, onde já estava o advogado da indústria, doutor Capistrano.

— Bom dia, Antônio.

O recém-chegado olhou com desconfiança para o interlocutor.

— Bom dia... Algum problema com a venda do imóvel?

— Não. Fique tranquilo. Estamos tratando da escritura. Há apenas a questão do preço.

Antônio não conteve um gesto de irritação.

— Já acertamos tudo. O senhor sabe que estou vendendo a propriedade por fração do que vale e ainda quer reduzir mais? É inadmissível.

— Calma, Antônio, você não está entendendo. Trata-se apenas de pagar o preço justo.

— E o que o senhor entende por pagar o preço justo?

— Pagar o que vale o imóvel. Mandei fazer um levantamento e cheguei à conclusão de que ele vale três vezes mais. É o que vamos pagar.

O advogado espantou-se.

— Mas, Belizário, já está tudo acertado. Demos o sinal...

— Sei disso, Capistrano. Não podemos reduzir o preço, fixado em contrato, mas nada impede um acordo para pagar o que o imóvel vale, não é mesmo Antônio?

O visitante olhou, perplexo, para Belizário.

— Sim, sim, claro...

Deixou o escritório nas nuvens. Finalmente poderia liquidar suas dívidas e com a perspectiva de continuar em sua atividade comercial. O advogado estava igualmente perplexo.

— Não estou entendendo sua decisão, Belizário.

Perdemos um ótimo negócio.

— Capistrano, estou aprendendo que ótimo negócio é aquele que atende a ambas as partes. Ótimo só para um lado cheira a estelionato.

— É uma bela idéia, meu amigo, nos domínios das fantasias ideológicas, mas caminho certo para o desastre quando estamos mergulhados na realidade dos negócios.

— Não creio que precisemos que a esperteza desonesta seja o caminho mais seguro para triunfar nas atividades comerciais. De qualquer forma, meu interesse maior, hoje, é atender aos ditames da consciência, respeitando o próximo.

Capistrano contemplava seu cliente, admirado.

Habitado à malícia de sua profissão, nem sempre defendendo o certo, o justo, o verdadeiro, não concordava com a nova postura de Belizário.

Forçoso admitir, no entanto, que ele estava sendo muito corajoso.

E ficava a perturbadora idéia de que talvez seu cliente estivesse com a razão!

14:08 HS

Belizário convocou Siqueira, o chefe da contabilidade.

— Vamos cancelar a compra de notas fiscais frias.

— Mas, chefe, já tínhamos acertado essa providência.

Estou em contato com fornecedores...

— Cancele...

— E a diferença patrimonial?

— Ainda está em tempo de fazer o acerto fiscal.

Pagaremos o que for preciso.

— O montante é alto.

— Não importa. Nenhum valor é alto demais para conservar a consciência tranquila.

— E aquela sua história do ladrão que tem cem anos de perdão por roubar outro ladrão?

— É um ditado para quem vive só para esta vida, meu caro. Estou tentando aprender a viver para a eternidade. Tenho sérias razões para pensar assim...

— Não seria bom pôr os pés no chão, a fim de não sofrermos prejuízos?

— A desonestidade é um lastro pesado, Siqueira, muito pesado! Sempre complica!

— Lastro pesado?! Não entendi.

— Um dia você entenderá.

Siqueira deixou o gabinete a matutar sobre aquela mudança de postura de seu chefe.

Certamente havia algo que desconhecia.

Belizário era muito esperto e jamais faria algo que pudesse causar-lhe prejuízo. Não fora por acaso que acumulara enorme fortuna.

Provavelmente tratava-se de mais uma de suas manobras para tirar vantagem.

Siqueira não conseguia entender que Belizário simplesmente resolvera optar pelo elementar: a honestidade!

SEXTA FEIRA, 06 DE ABRIL — 16:05 HS

Belizário entrou no apartamento de Lucília.

Ela o beijou apaixonadamente, mas logo percebeu que o amante não se mostrava ardente como de costume. Não se entregava... Acabou por afastá-la.

— Algum problema?

— Lucília, não sei como lhe dizer, mas não podemos continuar a nos encontrar...

A jovem o fitou perplexa.

— Mas como? E a viagem, a lua-de-mel? E os nossos planos para o futuro?!

— Seria ótimo, Lucília, mas não posso continuar mentindo para minha família.

— Ora, Belizário, a família nunca o impediu de ter relacionamentos extraconjugais. Sei que não sou a primeira... Já se cansou de mim? Há outra se interpondo entre nós?!

— Não, Lucília, não há ninguém, nem pretendo que haja. Jamais encontraria alguém capaz de substituí-la nos embalos da paixão. Passei por uma experiência muito forte com o enfarte, e, fazendo uma avaliação de minha existência, cheguei à conclusão de que tenho que mudar de rumo e ser honesto de verdade.

— Mas mesmo que não haja perspectivas para nós, de vivermos juntos um dia, eu me conformo em ser apenas a outra. Podemos continuar a nos encontrar durante a semana. Não lhe cobrarei nenhuma atitude.

Por favor, Belizário! Você se tornou uma pessoa importante para mim! Muita gente vive assim.

— É uma tentação, Lucília, seria maravilhoso, mas simplesmente não posso. Não quero mais aparentar honestidade. Quero ser legitimamente honesto, inspirado nos ditames da consciência, longe da hipocrisia social.

Lucília chorava, discretamente.

Belizário sentia-se muito mal por ter jogado com seus sentimentos, usando-a para uma aventura, sem nenhum propósito mais digno, sem nenhuma perspectiva, além do prazer.

— Posso fazer-lhe um pedido, meu bem?

— Sim, Lucília.

— Vamos pelo menos viajar juntos. Aqueles quinze dias que planejamos. Depois lhe prometo que não o importunarei.

Era uma bela perspectiva. Uma viagem confortável, plena de sensualidade e paixão, mas Belizário não vacilou. Não podia voltar atrás, não podia trair as promessas que fizera a si mesmo.

— Perdoe, Lucília, mas não será possível.

— Belizário, pelo amor de Deus, reconsidere! Já não posso viver sem você! Não consigo encarar o futuro sem sua presença em minha vida!

— Sinto muito, Lucília. Você não tem idéia de como me sinto constrangido, sobretudo por causar-lhe algum sofrimento. Mas, realmente, não posso.

Em desespero, Lucília ameaçou;— Você sabe que me quer, que sou importante para você. Apenas não tem coragem de assumir nosso relacionamento. Vou facilitar as coisas. Falarei com sua esposa.

— Não, não, Lucília, você não está entendendo.

Preciso mudar o rumo de minha vida. É simplesmente isso. E eu mesmo conversarei com Suzana, dizendo-lhe de nossa relação. Devo isso a ela.

Embora volúvel e desprovida de qualquer escrúpulo nos seus relacionamentos amorosos, Lucília era uma mulher inteligente. Percebeu logo que Belizário não estava fazendo jogo de cena. Havia determinação em sua postura. Inútil insistir.

— Está bem, Belizário. Não quero complicar. Você sabe que eu não faria nada para prejudicá-lo.

— Lamento que tenhamos de terminar assim. Gosto de você. Há uma química sensual perfeita entre nós.

Conservarei boas lembranças, mas, por favor, não guarde rancor. Saiba que estou fazendo apenas o que manda minha consciência.

Belizario deixou o apartamento consternado e ao mesmo tempo aliviado. Era uma relação que lhe dava muito prazer, mas não estava mais cogitando dos prazeres da Terra.

Imperioso aliviar lastros para o Céu.

19:10 HS

Belizario convocou Carmem e Suzana para um passeio de automóvel.

— Passeio?

— Vamos resolver um assunto.

Suzana, que estava se acostumando às iniciativas inusitadas do marido, dispôs-se a acompanhá-lo.

Carmem refugou.

— Não posso, papai. Já assumi com as amigas o compromisso de ir ao shopping. Não tenho aula hoje.

— Telefone desmarcando, porque o assunto que vamos resolver é seu, mocinha.

Suzana questionou:

— O que houve com Carmem?

— Nada de grave, querida. Apenas atropelou uma senhora na periferia.

— Meu Deus! E como ela está?

— Não sabemos. Carmem fugiu.

— Não parou para prestar socorro, minha filha?

— Mamãe, não tive culpa! Ela atravessou de repente na minha frente! Era noite, a região meio deserta, no retorno da faculdade. Fiquei com medo!

— Bem, Belizário, se foi assim, Carmem tem razão.

Se a culpa não foi dela...

— Não a estou culpando, minha querida. Ocorre que houve uma vítima. Precisamos saber o que lhe aconteceu e prestar assistência, embora tardiamente.

— Mas, Belizário, isso não vai criar algum problema para Carmem?

— Problema, Suzana, é ficar com isso pendente.

Vamos resolver.

Partiram os três.

Chegando ao local do acidente, Belizário procurou informações.

Conversou com alguns moradores das imediações.

Voltou ao automóvel.

— A acidentada chama-se Júlia. Mora a três quadras daqui. Consta que quebrou o braço e teve algumas escoriações. Vamos até lá.

— Papai, é um alívio saber que não foi nada grave.

Mas temos de procurá-la? Não sabemos qual vai ser a reação da família...

— Não se preocupe. Dona Júlia é viúva e mora com uma filha solteira. Colhi informações. Gente boa, não habituada a promover confusão.

Em breves momentos batiam à porta da casa.

Simpática moça, de aparência simples, veio atendê-los. Belizário a cumprimentou.

— Boa noite, minha jovem.

— Boa noite...

— Viemos visitar sua mãe.

— Minha mãe? São conhecidos dela?

— Não, vamos conhecê-la agora.

— Entrem, por favor.

A sala modesta revelava a condição das moradoras.

Tudo bem simples, gente pobre, mas bem arrumadinho. Simpática senhora veio até eles, braço direito em tipóia. Belizário tomou a iniciativa.

— Boa tarde, dona Júlia, como está?

— Estou bem, com a graça de Deus, embora o problema do braço e as dores no corpo. Fui atropelada. Felizmente o carro não estava em alta velocidade.

— Imprudência do motorista...

— Não, a culpa foi minha. Não prestei atenção ao atravessar a rua e o carro me pegou. O pobre motorista perdeu o controle e ainda bateu no poste.

Depois fugiu.

— Sem prestar socorro?

— Sim.

— Não ficou com raiva dele?

— Nem deveria, porquanto a culpa foi minha. Ele certamente teve medo.

— Moram só a senhora e a filha?

— Sim, Denise é a flor que perfuma minha existência, temos uma vida difícil, mas com a graça de Deus, vamos levando.

— Como a senhora provê a subsistência?

— Sou costureira.

— Dá para viver?

— Denise ajuda, trabalhando num supermercado. A noite faz o curso de administração de empresas.

Ando apreensiva quanto aos seus estudos, porquanto estou impossibilitada de exercer minha profissão.

Belizário sensibilizou-se com a humildade daquela mulher que lutava com tantas dificuldades e, não obstante, não guardava nenhum ressentimento de alguém que lhe causara aquele transtorno.

— Dona Júlia, foi minha filha Carmem quem a atropelou. Sua apreciação do que aconteceu está correta.

Embora ela não tenha sido culpada, cometeu um erro ao fugir, amedrontada. Espero que a senhora a perdoe.

Júlia revelava no olhar calmo e lúcido sua elevação espiritual. Tocou com carinho o rosto de Carmem, transmitindo-lhe algo de sua serenidade.

— Fique tranquila, meu bem. A culpa foi minha.

Gente velha é um problema para atravessar a rua.

Descuidei-me.

Está tudo bem...

Belizário adiantou:

— Viemos corrigir nosso erro. Quanto a senhora recebe nas costuras, mensalmente?

— Não se preocupe, doutor. Está tudo bem...

— Sim, para a senhora, mas somente ficará bem para nós se a ressarcirmos pelo prejuízo. Por favor, é nosso dever. Diga quanto ganha mensalmente.

Júlia o encarou com simpatia.

— O senhor é muito generoso, mas não será necessário.

Não estaria em paz com minha consciência se pretendesse aproveitar-me de um acidente no qual eu fui a responsável.

Suzana, que acompanhava o diálogo, sensibilizada com a humildade de Júlia, reforçou:

— Por favor, minha querida. Para nós não será nada.

Fazemos questão de ressarcir-la pelo prejuízo que lhe estamos causando.

Júlia ainda resistiu por algum tempo às ponderações do casal, mas acabou concordando.

— Está bem, se insistem... Ganho o equivalente a um salário mínimo e meio, mais ou menos.

Imediatamente Belizário completou:

— Vou lhe pagar o dobro, para que atenda as despesas com medicamentos e o tratamento.

— Não! Não posso aceitar!

— Pode sim, dona Júlia, é de direito.

Belizário retirou o talão e preencheu um cheque no valor que se propunha a pagar.

— Aqui está, dona Júlia. Mensalmente, até que volte ao trabalho, esse valor lhe será destinado. E dirigindo-se a Denise.

— Você está cursando a faculdade de administração?

— Sim senhor.

— É de seu gosto?

— Sim, adoro esse tipo de atividade.

— E dá para conciliar o emprego no supermercado com a faculdade?

— É um pouco difícil, mas vou levando. Estou entregando currículos para estágio remunerado.

Então poderei ajustar melhor o estudo com o trabalho. Mamãe sempre afirma que com a graça de Deus logo conseguirei.

— E ela tem razão. Creio que não está longe disso.

Tenho uma indústria e estou precisando de alguém na área de contabilidade com o seu perfil.

Os olhos de Denise brilharam.

— O senhor acha que posso ser aproveitada?

— Sem dúvida! Fique tranquila. Vá segunda-feira, pela manhã. Vamos providenciar. Em breve você estará conosco.

Júlia tinha os olhos marejados...

— Ah, doutor Belizário, acabarei acreditando que esse acidente foi providencial...

— A providência divina tem caminhos misteriosos, dona Júlia, eu que o diga! De qualquer forma esteja certa de que fico muito feliz em poder ajudar.

— E certamente é da Vontade Divina que tomemos um cafezinho para comemorar nosso encontro. Vou providenciar rapidinho...

Júlia foi para a cozinha, acompanhada de Carmem e Denise, enquanto Suzana perguntava:

— Belizário, você acha que o acidente teria sido providenciado pela espiritualidade, a fim de que Júlia e Denise fossem beneficiadas?

Belizário sorriu:

— Entendo que nossos mentores espirituais não são mafiosos, querida. Nunca apelam para a violência, mas sempre procuram harmonizar as situações em favor do bem comum.

— Então o acidente não foi provocado?

— Foi uma contingência, envolvendo a distração de Júlia, mas o que aconteceu depois foi fruto de nossa iniciativa, atendendo às sugestões do mundo espiritual. Em todas as situações há sempre algo que podemos aproveitar para nossa edificação.

22:13 HS

Belizário e Suzana conversam no quarto do casal.

— Suzana, você tem comentado comigo que sou outra pessoa, desde a experiência com o enfarte e que até retomei os ideais que a fizeram apaixonar-se por mim. Em respeito a esses

mesmos ideais, considero que devo ser fiel à própria consciência e a você, não faltando à verdade em nosso relacionamento.

— Não estou entendendo, querido. Você tem mentido para mim?

— Você sabe, Suzana, que a mentira faz parte da condição humana. Mentimos até por conveniência, e isso tem me preocupado muito, ultimamente. Nesta última semana tenho tentado agir com a maior lisura, jamais usando de subterfúgios, nem nos negócios, nem em sociedade, nem em família.

— Lembro que você mesmo dizia, quando nos conhecemos, que deveríamos ser sempre sinceros, um com o outro. Que seria uma forma de preservar a estabilidade de nosso casamento. Afirmava, também, com ênfase, que o mentiroso torna-se escravo da mentira.

— Esse princípio é de Tolstói, o grande escritor russo. Explicava que para sustentar a mentira inicial o mentiroso é obrigado a mentir cada vez, comprometendo-se moralmente.

— Não consigo imaginá-lo mentindo para mim, durante nossos anos de convivência. Mas, não se preocupe, querido. Como você mesmo diz, há mentiras de conveniência, destituídas de maior significado. Já o perdoo, de antemão, está bem?

— Eu andei envolvido num relacionamento extraconjugal. ..

Uma bomba não teria efeito mais devastador. Suzana olhava, incrédula, para o marido.

— Você me traiu?!

Lágrimas afloraram aos olhos de Belizário. Sentindo imensa angústia, continuou:

— Não menti para você apenas. Menti para mim mesmo, procurando justificar meu vergonhoso comportamento.

Deus é testemunha de como me arrependo, de quanto sofro por estar lhe causando esse desgosto.

Mas saiba que nuncadeixei de amá-la. Você e nossos filhos são os tesouros de minha vida. Foi uma fraqueza, reconheço, e estou muito arrependido. Se lhe fosse dado identificar em plenitude o quanto estou amargurado, haveria de perdoar-me.

Suzana chorava, atormentada pelo impacto daquela revelação surpreendente. Jamais poderia imaginar que o marido tivesse um comportamento daquela natureza, ele que sempre primara em defender os valores do casamento!

Belizário acariciava suas mãos, a chorar também, atormentando-se pelo sofrimento que lhe impunha.

— Faça ideia de sua decepção, Suzana. Pensei até em poupar-lhe esse desgosto, mas não posso assumir minhas responsabilidades pela metade. Não quero nenhum segredo entre nós.

Suzana não conseguia falar, dominada por sentimentos de mágoa e ressentimento que a torturavam.

— Não fale mais nada, Belizário. Não estou disposta a conversar sobre isso. Peço-lhe que vá dormir em outro quarto.

— Mas, Suzana, por favor, ouça-me.

— Já ouvi o suficiente. Você destrói minhas ilusões a nosso respeito por pretender guardar fidelidade à sua consciência, como se fosse algo muito simples, sem maiores consequências. Não entendo assim. Sua franqueza não é um atestado de bom comportamento, nem um convite ao perdão. Por favor, deixe-me só.

Belizário considerou que não era oportuno insistir.

Dirigiu-se para um dos quartos de hóspedes e lá passou a noite, sem conciliar o sono, angustiado, consciência torturada pelo mal que fizera a alguém que amava com todas as forças de sua alma.

SÁBADO, 07 DE ABRIL — 09:06 HS

Belizário tomava o café, preocupado com a esposa.

Perguntou à serviçal.

— Então, Maria, onde está Suzana?

— Saiu bem cedinho.

— Não disse aonde iria?

— Não senhor.

— Será que foi ao clube?

— Creio que não. Não vestia o abrigo.

— Quando voltar, diga-lhe que me telefone. Estarei na fábrica.

— Sim, senhor.

Belizário seguiu para a indústria em seu automóvel.

Sentia-se arrasado. Teria agido de forma acertada abrindo-se para Suzana? Não seria melhor que ela ignorasse tudo?

Lembrou-se de João Batista, no Evangelho, convocando seus ouvintes ao sincero arrependimento para que pudessem receber o enviado divino.

As pessoas faziam a sua profissão de fé confessando as defecções à comunidade, propondo-se a uma vida nova.

Era exatamente o que estava tentando fazer. Entendia que era preciso exorcizar o passado, reconhecendo seus erros, e pedindo perdão aos que ofendera.

Por mais difícil fosse, ainda que pudesse conturbar seu relacionamento com a esposa, não podia continuar sustentando uma mentira quanto à sua fidelidade, ainda que pretendesse nunca mais ser infiel.

E Belizário, olhos enevoados, orava pedindo a Jesus o amparasse e ajudasse nos seus propósitos de uma nova vida...

10:08 HS

Suzana estivera caminhando por largo tempo.

Sentia-se perdida em suas conjecturas.

Na verdade sempre suspeitara do marido, mas procurara não se envolver em crises de ciúme, considerando que fidelidade é uma questão de consciência. Inútil cobrá-la de quem não a exercita.

Ociosos estabelecer vigilância polícial. O infiel sempre encontra meios de burlar todos os controles.

Mas entre suspeitar e ter a confissão do marido havia enorme distância. Sentia-se arrasada. Seu mundo ruía, sua vida estava destruída.

Movida por forças imponderáveis, foi parar nas proximidades da casa de Marques.

Decidiu procurá-lo.

O dirigente a recebeu com carinho.

— Então, Suzana, caminhando logo cedo. Caiu da cama?

— Passei a noite em claro, Marques.

Observando-a abatida, olhos vermelhos de choro, Marques preocupou-se.

— Aconteceu algo? Algum problema com a família?

— Problema com Belizário, Marques. Conversamos ontem à noite. Ele confessou-me que tem uma amante.

— Meu Deus! Pretende deixar a família?

— Não. Afirma que está arrependido, que nunca deixou de me amar. Implorou perdão.

Marques admirou-se:

— Se ele não pretende deixá-la, por que a confissão?

Porventura há alguma ameaça da outra?

— Pelo que ele adiantou, não. Terminaram o relacionamento. Belizário abriu-se comigo dizendo atender à própria consciência e que não quer segredos entre nós.

— Menos mal, Suzana. Nosso amigo passou por notável transformação. Mostra-se mais fraterno, mais humano. Talvez a confissão faça parte de sua nova postura, procurando dar maior seriedade à existência. E com relação à pessoa com a qual vem se relacionando?

— Disse-me que está tudo terminado.

— É realmente notável o seu comportamento. Revela muita coragem. E você, o que acha?

— Estou abalada, Marques. Houve uma quebra de confiança. Não sei se saberei lidar com isso.

— Bem, se Belizano está tentando ser honesto, cumprindo os valores do Evangelho, você não acha que deveria fazer o mesmo? Jesus recomenda o perdão.

— Sei disso, mas, sinceramente, não me sinto preparada para perdoar.

— Bem, Suzana, a decisão é sua. Mas lembre-se de que nosso grande problema na vivência evangélica é sermos cristãos pela metade, atendendo às conveniências pessoais. É preciso ser cristão por inteiro, observando o que Jesus ensinou e exemplificou durante seu apostolado.

Suzana deixou a casa de Marques em conflito consigo mesma.

O Evangelho lhe mandava perdoar, mas, como ocorre com as pessoas de um modo geral, pensava em sua dignidade, sem perceber que, geralmente, ela é sinónimo de orgulho.

17:22 HS

Belizário retornava do núcleo assistencial do Centro, onde trabalhara, retomando uma atividade que abandonara há meses.

Marques seguia com ele no automóvel.

— E a Suzana, Belizário, por que não compareceu? É sempre tão assídua...

— A culpa é minha. Fiz uma confissão que a transtornou.

— Já sei de tudo. Ela esteve em minha casa pela manhã.

— Pois é, Marques. Fico pensando se fiz bem em confessar o que andei aprontando.

— Andou certo sim, meu caro. Se pretende uma vida nova é preciso, realmente, romper com o passado, e, sobretudo, com a tendência de acobertar as próprias faltas, o que sempre nos conduz à hipocrisia.

— E o que penso, mas dói-me saber do sofrimento que causei a Suzana e ao mesmo tempo fico pensando se não acabei por destruir meu casamento.

Ela ficou muito abalada. Temo que não me perdoe.

— É preciso dar um tempo. Não creio que ela leve tão longe sua indignação, a ponto de pensar numa separação.

18:12 HS

Belizário atendeu o celular.

— Oi, chefe, é o Leônidas. Boa tarde!

— Boa tarde, Leônidas. Tudo bem?

— Desculpe incomodá-lo, mas não poderia deixar de falar-lhe a respeito do Roberto.

— Algum problema com ele?

— Qual nada, chefe. Aconteceu um milagre! A partir do momento em que você lhe deu a liberdade de fixar sua jornada diária ele readquiriu a confiança em si mesmo e a disposição para o serviço.

— Beleza!

— Trabalhou a semana toda, cumprindo integralmente o horário. Hoje, espontaneamente, veio para completar um serviço de urgência, sem nenhum problema.

— Ótimo, Leônidas. Fico muito feliz por ele. Não se esqueça de anotar as horas extras. Não quero ninguém trabalhando de graça.

— Tudo bem, chefe. E quero lhe pedir desculpas.

Estava achando um absurdo sua decisão. Vejo agora que estava certo.

— Fico feliz também por você, Leônidas. É importante não perder a fé na natureza humana.

Belizário desligou, reconfortado.

Nada como a colheita das bênçãos resultante do exercício da solidariedade para amenizar a contundência dos espinhos nascidos de sementeiras infelizes.

22:02 HS

Belizário entrou no quarto do casal.

— Então, Suzana, como está?

Nem era preciso perguntar. Expressão abatida, olhos vermelhos...

— Ah, Belizário, como você imagina que estou?!

— Por favor, perdoe-me. A última coisa que eu poderia pretender era magoá-la. Dê-me uma chance.

Esqueça! O que aconteceu não significou nada para mim. Foi apenas um impulso passional. Passou!

— Passou para você. Para mim, não. Por favor, não insista.

E lá se foi Belizário novamente para o quarto de hóspedes, preocupado, às voltas com seus cismares.

DOMINGO, 08 DE ABRIL — 10:07 HS

No clube, Belizário conversava com os amigos antes da tradicional partida de futebol.

— Então, Belizário, vai jogar hoje?

— Não posso. O médico ainda não me liberou. Vou apenas apreciar a partida e antes gostaria de pedir a todos que me perdoem por minhas crises de irritação.

E dirigindo-se a um dos presentes, acentuou:

— Peço desculpas particularmente a você, Benício, por minha intemperança. Sinto-me envergonhado. De repente começo a compreender que estamos aqui para descontrair, não para brigar. Tentarei daqui para frente ser menos passional em minhas atitudes.

Benício, que era um homem de boa paz, ficou feliz com o desabafo do amigo.

— Tudo bem, meu caro Belizário. Eu também fiquei constrangido com o que aconteceu. Agora passou.

Venhacá um abraço.

Apertando o amigo de encontro ao peito, Belizário sentiu-se novamente integrado no grupo, do qual suas atitudes intempestivas estiveram a afastar.

20:00 HS

Família reunida na sala de visitas para o Evangelho no Lar que, a pedido dos filhos, fora transferido de dia e horário.

Presentes Belizário, Suzana, Carmem e Maurício, Júnior e Pedrinho. Belizário explicou:

— Pedrinho, você não está familiarizado com esse tipo de reunião, mas é algo muito simples. Oramos e comentamos o Evangelho, procurando a orientação de Jesus para nossa vida.

— Não é novidade para mim, tio. Mamãe lê e comenta o Evangelho todas as noites. Ela diz que com o pensamento em Jesus dormiremos melhor e seremos protegidos pelos anjos.

— Ótimo, Pedrinho. Então, vamos começar.

Belizário pronunciou sentida oração, exorando a proteção dos benfeitores espirituais.

Em seguida leu na Epístola de Paulo aos Efésios (5:14-17):

...Desperta, ó tu que dormes! Levanta-te dentre os mortos e Cristo te iluminará. Andai prudentemente, não como tolos, mas como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus. Não sejais insensatos, mas procurai compreender qual é a vontade do Senhor.

Após a leitura, perguntou:

— Alguém sabe o que é EQM?

Suzana conhecia o assunto, mas não estava disposta ao diálogo com o marido.

A moçada, pouco afeita à leitura, não tinha a mínima ideia.

— É uma sigla. Significa experiência de quase morte.

Quase morte porque o coração pára de funcionar, mas o paciente ressuscita ou volta a viver quando os médicos têm condições para agir prontamente.

Maurício, interpretando a dúvida de todos, questionou:

— Literalmente, o morto ressuscita? O cadáver volta a viver?

— Acontece todos os dias nos hospitais, meu filho.

Se os médicos iniciarem os procedimentos no máximo em quatro minutos após o colapso cardíaco, e o estrago não for muito grande, é possível reanimá-lo.

Carmem perguntou:

— Foi mais ou menos o que aconteceu com você, papai?

— Exatamente. Passei pela experiência de estar morto e retornar à vida, algo inesquecível.

— E o que aconteceu enquanto estava morto?

— Quero que todos prestem bem atenção, porquanto minha experiência lembra a advertência de Paulo. É preciso despertar para a vida, para as oportunidades de edificação da jornada humana. Justamente por andar descuidado disso, passei por uma situação terrível, apavorante!

Belizário fez ligeira pausa, observando o interesse que suas palavras despertavam na assembleia doméstica.

— Para minha surpresa, durante esse lapso de tempo, vi que estava no umbral. Sabe o que é o umbral, Pedrinho?

— Não senhor. Nunca ouvi falar...

— Mas já ouviu falar em purgatório...

— Ah, sim, é para onde vão os que não foram tão maus para o inferno, nem tão bons para o céu. Ficam ali para se depurarem.

— Maurício?

— É mais ou menos isso, papai. Seria um purgatório espírita. Poxa! O senhor esteve lá?!

— Saibam que estive nesse horrível lugar enquanto os médicos lidavam para me ressuscitar. Por um fenômeno extraordinário, que não consigo definir, vivi em momentos uma eternidade de tormentos que marcaram para sempre minha vida.

Apenas Suzana entendia o alcance de suas palavras e o porquê da mudança de comportamento do marido, inclusive a confissão que tanto a abalara.

Belizário continuou:

— Em meio às minhas angústias, houve um momento em que implorei ajuda à misericórdia divina. Então, para minha surpresa, surgiu Ferreira, nosso velho amigo que vocês conheceram. Fiquei sabendo, então, que aquele seria meu destino se a morte estivesse consumada, em face de meus comprometimentos morais.

Eu imaginava ser um homem de bem. Ai de mim! As experiências no umbral e a recordação de uma única semana de minha vida foram suficientes para demonstrar o quão distante estava dessa condição.

Até então eu tinha pálida idéia do que era a vida espiritual, com a leitura dos textos espíritas. E esse conhecimento precário não foi suficiente para quebrar as tendências egoísticas que constituem meu comportamento.

Agora tudo é diferente. Eu não tenho simplesmente idéia da realidade espiritual.

Eu estive lá!

Vi o que nos espera no mundo espiritual, quando chegar nossa hora, se não acordarmos para a vida, como ensina Paulo, se não cumprirmos a vontade de Deus.

Olhos marejados, Belizário fez pequena pausa, olhando para Suzana que o ouvia de cabeça baixa.

— Meus queridos, o que vi e o que senti modificaram para sempre minha maneira de ser. E tudo o que fiz durante esta semana foi o mínimo para começar a mudar minha vida e a vida de vocês.

Nunca serei suficientemente grato a Deus pela dádiva daquele enfarte, em princípio tão chocante. A morte física temporária deu vida ao meu Espírito, aquela vida abundante a que se referia Jesus, quando abrimos os olhos e procuramos fazer o melhor.

Sei agora qual é a vontade do Senhor, e estou tentando cumpri-la.

E o que vocês me dizem?

Pedrinho comentou:

— Mamãe sempre diz que fazer a vontade de Deus é fazer pelo próximo o que queremos para nós.

— Isso mesmo, Pedrinho, é um roteiro muito seguro.

Fazendo pelo próximo o que queremos para nós, não erraremos. E você, Suzana?

A esposa de Belizário compreendia agora porque o marido mudara tanto na última semana.

Entendia até sua confissão, que tanto a fizera sofrer.

Mas sentia em suas palavras algo que não podia ignorar: o desejo sincero de acertar, de mudar de rumo, de consertar seus enganos.

Não seria justo negar-lhe um voto de confiança.

Contemplou emocionada o marido, que esperava por sua manifestação.

— Eu, Belizário...eu... quero agradecer a Deus por minha família e por ter você ao meu lado, meu companheiro, meu amigo, meu amor...

Abraçaram-se, vertendo incontidas lágrimas, sem que os participantes da reunião pudessem avaliar em toda a sua extensão o porquê de tão grande emoção.

Amigos e familiares desencarnados presentes regozijavam-se com a reconciliação do casal.

Em meio deles, invisível ao olhar humano, o velho Ferreira, a comentar bem-humorado.

— Abençoado SPA da alma!

Fim